



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2º Semestre 2021

Ciclo I – Paola Poma

Ciclo II – Gabriela Maíra Bichara Cordaro Fernandes

Ciclo III – André Alves

Ciclo IV – Isadora Garaventa Salgado

Ciclo V – Elizabete Coutinho Brunetti

Ciclo VI – Renatta Giongo Ming

Índice

Ciclo I

Paola Poma

UM LOBO, DOIS LOBOS E OUTROS MAIS..... 03

Ciclo II

Gabriela Maíra Bichara Cordaro Fernandes

O OUTRO QUE SE É - ENTRE O DESEJO E A PALAVRA10

Ciclo III

André Alves

TEMPOS EXAUSTOS: A COMPULSÃO POR PRODUÇÃO17

Ciclo IV

Isadora Garaventa Salgado

MINHA PRIMEIRA VEZ..... 26

Ciclo V

Elizabete Coutinho Brunetti

SUICÍDIO E SAÚDE PÚBLICA: COLABORAÇÕES DA PSICANÁLISE.....35

Ciclo VI

Renatta Giongo Ming

MEU PRIMEIRO CASO CLÍNICO, UM RECORTE.....42

2º Semestre 2021

Ciclo I

Aluno: Paola Poma

Título: UM LOBO, DOIS LOBOS E OUTROS MAIS

A palavra é mágica. Tem o poder de criar mundos: real ou mítico. É através do canto das Musas (nome-nume¹) que os deuses surgem, é pela palavra de Deus que o mundo nasce da escuridão (*Fiat Lux*) e é justamente por conta da sua potência criadora e de presentificação que algumas palavras não devem nunca ser pronunciadas para que o “cujo”² nunca nos visite.

Freud conhece o poder das palavras por isso afirma na Conferência I³ que “por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero”, assim como sabe que “as palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens”.

Talvez por isso a literatura tenha uma importância significativa nos seus estudos, pois representa e apresenta uma gama infinita de afetos, complicações, tramas e complexidades humanas que lhe servem, em alguma medida, de suporte e espelho para pensar os problemas humanos, assim como para os leitores comuns que, em muitas situações, podem se projetar nas narrativas lidas e reviver um sentimento ou experienciar algo até então nunca vivido e até mesmo pensar sobre as grandes questões metafísicas como a morte.

Este caráter projetivo da literatura me fez começar este trabalho por uma breve história de Guimarães Rosa - *Fita Verde no cabelo*⁴ - que, quando li pela primeira vez, me causou uma profunda emoção.

¹ “O Nume é o seu Nome [das Musas] cuja nomeação funda a Presença do próprio Nume – e, portanto, não significa, mas é.” In Hesíodo. *Teogonia a origem dos deuses*. (Estudo e Tradução: Jaa Torrano). 6 ed. São Paulo: Iluminuras, 2006. p.94.

² O diabo.

³ FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume XV. p. 27

⁴ ROSA, João Guimarães. *Fita Verde no Cabelo. Nova Velha história*. (ilustração: Roger Mello). 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. (Não há numeração nas páginas do livro.)

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo. Sua mãe mandara, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.

Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas. Daí, que, indo no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela, mesma, era quem se dizia:

- Vou a vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou.

A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são. E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós.

Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa.

Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

- Quem é?

- Sou eu... – e Fita-Verde descansou a voz. - Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai, a avó, difícil disse: - Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe. Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou. A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: - Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo. Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada, e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

- Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

- É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.

- Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados?

- É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

- Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?

- É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: - Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!... Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

É evidente a relação de intertextualidade que Guimarães Rosa estabelece com a história infantil da *Chapeuzinho Vermelho*⁵. Na história dos irmãos Grimm temos um fundo de moralidade que organiza a narrativa já que a menina, que ia visitar sua avó, não segue o conselho dado pela mãe de ir pelo caminho mais curto e opta por um outro caminho, mais perigoso. Sabemos que o perigo desta escolha é se deparar com o lobo e sabemos também que, após este encontro, a avó e a menina serão comidas (engolidas vivas) por ele e salvas pelos caçadores. A metáfora mais tematizada deste perigo, para além da desobediência da Chapeuzinho, é a questão da sexualidade que se explicita não apenas no vestido vermelho, cor que alude tanto à morte quanto ao desejo, mas especialmente na palavra “comer” que tem conotação fortemente sexual.

Guimarães se apropria desta narrativa para tematizar a morte, e a história original parece surgir como uma espécie de lembrança encobridora da personagem Fita Verde.

Dou um salto para o momento apoteótico da narrativa (o mesmo em *Chapeuzinho Vermelho*) em que Fita Verde, para além de constatar que perdeu a sua fita de cabelo - simbolicamente a projeção da quebra do laço afetivo que irá acontecer no final da narrativa - cuja cor verde simboliza a esperança que se perde no meio do caminho (da narrativa? da vida? do sujeito?), se depara com a avó doente na cama.

As partes do corpo da avó que a menina destaca são as mesmas⁶ da história original - braços, boca e olhos - porém apresentam duas diferenças bastante significativas: de volume e de ordem de aparição. Em *Chapeuzinho Vermelho* todos os aspectos descritos revelam um aumento nas formas físicas da avó - orelhas, olhos, mãos e boca - revelando a ambiguidade da figura: o animal lobo e os seus sentidos aguçados (audição, visão, tato, paladar) e o lobo/avó que, travestido, finge uma suposta afetividade parecendo, ao leitor desavisado, querer estar mais perto da sua netinha para depois comê-la. Em *Fita Verde no Cabelo* não há lobos. E a menina não sente medo quando adentra na casa da avó, diferentemente de Chapeuzinho que afirma “Ai, meu Deus, porque estou com essa sensação estranha de medo?”⁷. Ela sente uma profunda tristeza ao constatar a fraqueza e a velhice estampadas no corpo de sua avó. Não se trata somente de uma diminuição dos órgãos, mais do que isso, eles perderam a sua eficácia, a sua função e a sua vitalidade, impossibilitando a avó de acarinhar (abraçar e beijar) a neta.

⁵ GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhem. *Contos maravilhosos infantis e domésticos*. (Tradução: Christine Rohrig, Posfácio: Marcus Mazzari). São Paulo: Editora 34, 2018. Há uma gama infinita de versões e variações da história da Chapeuzinho Vermelho, para este trabalho optei pela versão dos irmãos Grimm.

⁶ Na história da Chapeuzinho Vermelho há um sentido a mais: audição.

⁷Ibid., p.106

Este desfazimento corporal e o afastamento afetivo culminam com a sua morte, daí a importância dos olhos nesta narrativa. Se na primeira história é a abertura da boca do lobo que antes de realizar a ação de comer a menina, verbaliza o que irá acontecer, ou seja, apresenta a justificativa de ter uma boca tão grande “É pra te comer melhor”⁸, em Guimarães Rosa são os olhos da avó que primeiro deixam de enxergar a menina para depois se fecharem para sempre, realizando a morte naquele corpo já envelhecido.

Arrisco aqui dizer que Fita Verde ora pode ser lida como a própria Chapeuzinho Vermelho que já se recuperou do trauma de ter sido comida/engolida viva pelo lobo e de ter escapado da morte graças aos caçadores, ora como uma menina comum que possui no seu imaginário as histórias sobre lobos e que enfrenta, agora, um lobo ainda mais poderoso do que o primeiro, pois este, simbolizando a morte, não nos deixa saída possível.

Portanto, ao presenciar o momento da morte da avó, resgata, simultaneamente, a cena traumática original que se dá em termos muito semelhantes. Em ambas as histórias, a avó não pode ser reconhecida ora porque é o lobo travestido, ora porque é a morte que parece tomar conta do seu corpo. Repetindo a cena, Fita Verde faz as mesmas perguntas com o intuito de entender o que se passa e seus sentimentos transitam primeiro por uma sensação de espanto e depois radicalizam numa intensificação do medo que não lhe permite a nomeação do seu medo real. A frase esperada seria “Vovozinha eu tenho medo da **morte**” (ou da tua morte), mas ela apenas consegue dizer “Vovozinha eu tenho medo do **lobo**”.

A experiência traumática de ter sido engolida pelo lobo, ainda que na primeira história a morte não tenha se realizado, visto a menina ter sido salva duas vezes, primeiro pelos caçadores e depois pela avó que, para protegê-la, prepara uma armadilha para o lobo que acaba morrendo afogado, se confirma na experiência da morte da avó. A impossibilidade de lidar com a nova situação, o desconhecimento da morte e a carga de afeto ali depositada fizeram com que a menina relembresse a cena original. Esse deslocamento é que permite a livre associação revelada na hora da confissão do seu medo como um ato falho: “Vovozinha eu tenho medo do lobo”.

Em *Fita Verde no Cabelo* não há escapatória, a morte se inscreve na história, no tempo e na menina.

Mas há outras histórias de lobo que são menos tristes. *Chapeuzinho Amarelo*⁹ de Chico Buarque de Holanda é uma delas. Novamente a cor ganha destaque nas histórias infantis e o amarelo é aquela que simboliza o medo, daí a expressão popular de que tal sujeito “amarelou”.

⁸Ibid., p.107.

⁹ HOLANDA, Chico Buarque. *Chapeuzinho Amarelo* (Ilustração: Ziraldo). 41ed. 3reimp. Belo Horizonte: Editora Yelowfante, 2020. (Não há numeração das páginas no livro.)

Aqui temos uma menina que é o avesso de Chapeuzinho Vermelho e de Fita Verde. Tem tanto medo e medo de tudo que fica paralisada: não brinca, não come, não vai a festas, não lê histórias encantadas e, claro, tem medo do lobo.

Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.

Na verdade, como afirma o narrador, Chapeuzinho Amarelo tem “medo do medo do medo de um dia encontrar um lobo”. Sua fantasia se intensifica a cada dia e se dilata para todas as coisas que passam a ocultar um lobo sempre à espreita, perdendo a dimensão da realidade. Esse mecanismo para além de provocar a paralisia, leva-a à solidão. É somente no enfrentamento do medo que esta fobia poderá ser sanada, ou seja, no encontro entre a menina e o lobo que a fantasia se desfaz.

Claro que o livro tem a intenção pedagógica de mostrar as crianças que a fantasia do objeto temido é, quase sempre, maior do que ele é na realidade. De todo modo este encontro revela as características apavorantes do lobo, já que ele tem:

carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz
de comer duas avós,
um caçador,
rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu
de sobremesa.

Novamente a descrição do lobo revela a sua animalidade e força, porém o uso dos aumentativos nas palavras “carão”, “olhão”, “jeitão” e “bocão” e a quantidade e diversidade de possíveis coisas comíveis dão a ele uma característica mais lúdica, que se mantém em toda a história, e, paralelamente, induz a uma diluição progressiva do medo da Chapeuzinho. Enfrentar o lobo, ver o seu real tamanho (o seu “jeitão”), é o modo encontrado para abrandar o medo: “Depois acabou o medo/ e ela ficou só com o lobo”.

Na história de Chico Buarque de Holanda, o lobo não desiste e tenta novamente apavorar a menina gritando “EU SOU UM LOBO!!!!”. E é aqui que o escritor usa a linguagem literária para provocar e estimular na criança uma reelaboração dos seus medos através da repetição da palavra LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO, cujo embaralhamento do som e das letras possibilita uma nova reconfiguração do medo. Lobo agora é bolo, ou seja, o significante grafado permanece o mesmo, mas o ritmo acelerado da leitura e o modo de olharmos para o texto provocam o deslocamento de sentido. O que era fonte de desprazer, transforma-se em fonte de prazer e riso. O medo da imagem do lobo e tudo que ele representa desloca-se para a imagem do bolo e o risco de ser comido transforma-se no ato de comer bolo de lobo, conseqüentemente o sujeito sai de uma situação de passividade, (paralisia), para se tornar um sujeito autônomo que consegue dominar os seus medos, ou, ao menos, uma parte deles. Vale lembrar que os efeitos gráficos das letras, ora em caixa alta, ora em caixa baixa, e os desenhos de Ziraldo contribuem para este efeito.

Este poder mágico da linguagem e da literatura é explicitado no final da história, pois Chapeuzinho Amarelo já pode transformar em “companheiro/cada medo que ela tinha:/ o raio virou orrái,/ barata é tabará,/a bruxa virou xabru/ e o diabo é bodiá.”

O enfrentamento do medo dilui a sua força e se não o impede de retornar, caso retorne, retorna com menos força, menos desprazer, menos sofrimento, pois já se torna conhecido do sujeito.

Mas há lobos terríveis que, mesmo conhecidos, são impossíveis de serem esquecidos e domados. Refiro-me aqui ao relato de Suzanne Hommel apresentado no documentário *Um encontro com Lacan*¹⁰, que reproduzo abaixo:

Venho da Alemanha, nasci em 1938. Então vivi os anos da guerra com todos os horrores, as angústias, o pós-guerra, a fome, as mentiras. Sempre quis partir da Alemanha por causa disso. E desde o início, as primeiras sessões, perguntei ao Lacan: “Posso ficar curada desse sofrimento?” E ao dizer isso, entendi que não, que eu

¹⁰ *Um encontro com Lacan*. Direção Leslie Gunberg e Gerárd Miller. Produção: France Télévisions, 2011. <https://www.youtube.com/watch?v=S-QtbFaZjmw>, acesso em 14/04/2021.

tinha a ideia de que podia me livrar dessa dor com a análise, mas ele me olhava de um jeito que me fez entender que não, que eu teria que viver com isso a vida toda. Um dia, numa sessão, falei sobre um sonho que tivera. Eu disse: “Eu acordo toda manhã às 5 horas, e era às 5 horas que a Gestapo ia buscar os judeus em casa”. Nesse momento, Lacan se levantou como uma flecha da poltrona, veio até mim e me fez uma carícia muito suave na bochecha. E eu entendi: *Geste à peau*.

Talvez esta parte do documentário seja aquela em que é possível ver a psicanálise concretamente funcionando, agindo sobre o sujeito a partir da relação entre o analista e o analisando. A livre associação, permitida por uma escuta atenta e flutuante, possibilitou a Lacan perceber uma homofonia quase perfeita entre as palavras *G[g]stapo* e *g[ze]ste à peau*, e sobrepor à lembrança do mais terrível ato cometido no século XX - holocausto - a imagem de proximidade e afeto. Se Lacan pensou o deslocamento da imagem para uma outra cena, projetiva e menos dorida, foi o seu ato de acarinhar o rosto da analisanda, a linguagem corporal, que funcionou como dispositivo para que Suzanne Hommel conseguisse renomear a sua dor. Como ela mesma afirma no documentário, o gesto de Lacan funcionou “como um apelo à humanidade”. Esta dor não desapareceu, mas foi ressignificada.

Estes três registros de linguagem (literária e prosaica) confirmam o poder da palavra que Freud alude na Conferência I. Nas suas diferentes perspectivas - a morte, o medo, e o horror - a linguagem manifesta o modo como a relação entre o sujeito e o mundo se constitui, e, ainda que a nossa condição seja de antemão trágica, porque somos mortais, ela nos oferece essa capacidade transformadora, nos projetando num outro espaço/tempo mais acolhedor, ainda que o lobo esteja sempre à espreita.

2º Semestre 2021

Ciclo II

Aluno: Gabriela Maíra Bichara Cordaro Fernandes

Título: O OUTRO QUE SE É - ENTRE O DESEJO E A PALAVRA

O presente trabalho pretende fazer uma leitura psicanalítica do conto “A Legião Estrangeira”, de Clarice Lispector, sob o ponto de vista da formação do sujeito. Muito já se disse sobre a relação da escrita de Clarice com a experiência psicanalítica. A autora nos convida a observar a implicação dos sujeitos entre si e com o mundo, alargando a própria maneira de se ver o humano, tão própria da psicanálise

Assim como Freud, Clarice Lispector nos propõe uma subjetividade mais alargada. Freud traz uma nova concepção do sujeito, para além do cartesiano moderno. Não há como se agarrar a um eu consciente, plenamente sujeito de suas escolhas e de seu destino, já que há instâncias do eu contra si mesmo.

O enredo de “A Legião Estrangeira” traz a história de duas vizinhas: a narradora (possível alter ego de Clarice, que datilografa trabalhos em casa) e uma menina de oito anos, Ofélia, que luta desesperadamente para negar sua infância. A menina importuna a narradora com visitas diárias, nas quais se comporta de maneira extremamente crítica.

“Ofélia, ela dava-me conselhos. Tinha opinião formada a respeito de tudo. Tudo o que eu fazia era um pouco errado, na sua opinião. Dizia “na minha opinião em tom ressentido, como se eu lhe devesse ter pedido conselhos, e já que eu não pedia, ela dava. Com seus oito anos altivos e bem vividos, dizia que na sua opinião eu não criava bem os meninos; pois meninos quando se dá a mão querem subir na cabeça. Banana não se mistura com leite. Mata. Mas é claro a senhora faz como quiser; cada um sabe de si.”¹¹

¹¹ Lispector Clarice, *Todos os Contos*, p.355

Clarice descreve a família de Ofélia como soberba - “o pai agressivo, a mãe se guardando”, trigueiros (morenos como trigo maduro) - a verdadeira legião estrangeira. E é curioso como a escritora opta por apresentar a menina começando pela apresentação de seus genitores: mãe e pai, o que, na psicanálise, entendemos como posições, lugares, funções que fazem emergir o sujeito através da narrativa dos que vieram antes. Ofélia é essa criança com um *Supereu* absolutamente inflado, que tem opinião para tudo e que se esforça para atender às expectativas de sua filiação. Não há espaço para incertezas, dúvidas, falhas; não há espaço para a infância. E não é à toa que ela recebe o mesmo nome da personagem trágica¹² de Shakespeare - que também perde a possibilidade da espontaneidade e criatividade típicas da infância por questões familiares.

Nesse contexto, a vizinha de apartamento de Ofélia - a narradora alter ego de Clarice - e sua desordem criativa são elementos arrebatadores demais para essa criança tão reprimida em seus aspectos infantis.

*“Mas ela voltava, sim. Eu era atraente demais para aquela criança. Tinha defeitos bastante para seus conselhos, era terreno para o desenvolvimento de sua severidade, já me tornara o domínio daquela minha escrava: ela voltava, sim, levantava os babados, sentava-se”.*¹³

A bagunça da casa da narradora, seus hábitos pouco disciplinados, por um lado, e a dura polidez de Ofélia, por outro, são palco do embate entre as personagens, onde a identificação projetiva se mostra com muita potência. A menina projeta sua sombra na oponente, expulsando de si tudo o que pode demolir o sistema tão bem armado por sua família.

Em análise do mesmo conto, Yudith Rosenbaum, afirma sobre Ofélia e sua família:

*“Tudo que é da ordem do lúdico, do desprezioso, do puro fluir da vida, traços que a família parece considerar negativos, tende a ser expulso da menina como um mal a ser evitado. E uma vez depositado na vizinha, ela o combate sem trégua.”*¹⁴

Volto agora para o começo do conto. É bastante significativo, do ponto de vista psicanalítico, que a narradora apresente a personagem Ofélia da seguinte maneira:

¹² a personagem a qual me refiro é Ofélia da tragédia Hamlet de William Shakespeare, que morre afogada em um provável suicídio

¹³ Lispector Clarice, Todos os Contos, p. 358

¹⁴ Rosenbaum Yudith, Olhares da inveja em dois contos de Clarice Lispector

“Era uma menina belíssima, com longos cachos duros, Ofélia, com olheira iguais às da mãe, as mesmas gengivas um pouco roxas, a mesma boca fina de quem se cortou. Mas essa, a boca, falava. Deu para aparecer em casa. Tocava a campainha, eu abria a portinhola, não via nada, ouvia uma voz decidida:

– Sou eu, Ofélia Maria dos Santos Aguiar.”¹⁵

A menina que tem olheiras iguais às da mãe, as mesmas gengivas roxas e boca fina diz *sou eu* e brada nome e sobrenome - sua filiação - para chegar a uma casa estrangeira para ela, que não é sua, a de sua vizinha.

Nascemos meros objetos ou potencialmente objetificáveis por um outro sujeito que irá nos cuidar. Na condição humana o sujeito não se faz sem o outro, nascemos numa condição de desamparo, alguém precisa maternar, assumir este desamparo para si, responsabilizar-se por ele. Caso isso não ocorra, a vida humana não se torna sustentável, do ponto de vista físico e psíquico. Assim, é possível dizer que um dos recursos mais inerentes de sobrevivência do humano é a busca por ser objeto de amor de alguém.

Se, por um lado, essa menina de oito anos se apresenta com nome e sobrenome e tem conceitos muito bem definidos de como a vida deve ser vivida, tendo respostas para tudo, desde a quantidade ideal de legumes a se comprar até a maneira correta com que a narradora deveria criar seus filhos pequenos, por outro, notamos que ela vive uma catástrofe emocional. Essa família, assustada com tudo o que é humano, encontra-se em sérias dificuldades de acolher os mistérios da vida, o que nos leva a entender que algo parece ter dificultado o nascimento psíquico de Ofélia, que se comporta como uma mini-adulta em sua imensa rigidez.

Ofélia e sua vizinha seguem nesse jogo, onde a narradora adulta nunca a convida, mas a criança sempre volta com suas certezas impositivas sobre o funcionamento do mundo. “Vou em casa ver uma coisa, mas volto logo”¹⁶ diz Ofélia, “Se você está muito ocupada, não precisa voltar”¹⁷ responde a narradora, alter ego de Clarice. Mas a menina retorna com a fidelidade de um cão que traz o osso de volta ao dono. Até que, por ocasião da Páscoa, a narradora traz da feira um pintinho para os seus filhos pequenos, que, depois de um tanto de brincadeiras, acaba esquecido na cozinha. Mais tarde, Ofélia aparece para a visita e, enquanto a narradora trabalha datilografando, concentradamente, os

¹⁵ Líspector Clarice, Todos os Contos, p. 354

¹⁶ Líspector Clarice, Todos os Contos, p. 356

¹⁷ Líspector Clarice, Todos os Contos, p. 357

arquivos do escritório, ouve a voz da menina, aquela “voz de quem fala de cor”¹⁸. E então a criança percebe a presença do pintinho:

“Foi quando me pareceu que de repente tudo parara. Sentindo falta do suplício, olhei-a enevoada. Ofélia Maria estava de cabeça a prumo, com os cachos inteiramente imobilizados.

– Que é isso, disse.

– Isso o quê?

– Isso! disse inflexível.

– Isso?

Ficáramos indefinidamente numa roda de “isso?” e “isso!”, não fosse a força excepcional daquela criança, que, sem uma palavra, apenas com a extrema autoridade do olhar, me obrigasse a ouvir o que ela própria ouvia. No silêncio da atenção a que ela me forçara, ouvi finalmente o fraco piar do pinto na cozinha.

– É o pinto.

– Pinto? disse desconfiadíssima.

– Comprei um pinto, respondi resignada.

– Pinto! repetiu como se eu a tivesse insultado.

– Pinto.

*E nisso ficáramos. Não fosse certa coisa que vi e que antes nunca vira.”*¹⁹

A passagem acima destacada antecede a metamorfose da menina mini-adulta em criança. Mas, antes, gostaria de chamar a atenção para a repetição das palavras *isso* e *pinto*; que num aprofundamento de linguagem e significantes me parecem outra grande aproximação com os conteúdos psicanalíticos. O *isso*, termo conceituado por Freud para designar uma das três instâncias da segunda tópica freudiana, é concebido como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente. E é marcante, no conto de Clarice, que a palavra seja insistentemente repetida para dar conta do que não se nomeia. Quando Ofélia se depara com o pintinho, uma série de “*Que é isso?*”, “*Isso o quê?*”, “*Isso!*”, “*Isso?*” vêm à tona, fundamentando a vivência passiva do indivíduo, confrontado com forças desconhecidas e impossíveis de dominar.

E, logo em seguida, vem uma série de “*É o pinto?*”, “*Pinto?*”, “*Comprei um pinto?*”, “*Pinto!*”, “*Pinto.*”. O *pinto*, nessa leitura, poderia presentificar o lugar do *falo* no sentido empregado por Lacan - um

¹⁸ Lispector Clarice, Todos os Contos, p. 358

¹⁹ Lispector Clarice, Todos os Contos, p. 358 e 359

atributo divino, inacessível ao homem, e não o órgão do prazer ou da soberania viril. Seria, então, o próprio significante do desejo. Ofélia, assim embevecida - *isso e pinto* -, a partir da visão do pintinho e tendo por testemunha a narradora - o outro -, começa o seu processo de metamorfose, como uma espécie de Gregor Samsa¹⁰ menina, por trás da soberba e da máscara de uma adulta, diante do pintinho, é possível ver o nascimento de uma criança.

Seu ser infantil vem à tona quando a menina é tomada pela alegria da descoberta do pinto piando na cozinha, “mais e mais se deformava, quase idêntica a si mesma”.²⁰

E, então, segue-se uma linda narrativa onde a narradora ajuda Ofélia a enfrentar a si mesma.

*“A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena. “Eu”, tentava dizer seu corpo molhado pelas águas. Suas núpcias consigo mesma.”*²¹

Poderíamos dizer que esse nascer do próprio parto, largar o corpo antigo no chão, tornar-se criança, corresponderia ao nascimento psíquico de Ofélia - e este depende do exercício de devoção de um adulto, capaz de emprestar sua mente para viver junto do bebê seus terrores e medos. A mãe - ou o adulto cuidador – não resolverá o paradoxo do viver humano para o pequeno ser. Trata-se de um trabalho silencioso, mas ativo, como o da narradora\Clarice diante de Ofélia, de amparar o choque gerado pela percepção de que se é separado do outro.

*“Já há alguns minutos eu me achava diante de uma criança. Fizera-se a metamorfose”*²².

Quando Ofélia descobre que a narradora tem algo que ela não tem, um pinto, faz-se a separação vital e Ofélia percebe que a narradora não é uma extensão de si mesma, mas uma alteridade. Nasce, nesse momento, a criança, a menina humana, falível: condenada a se responsabilizar por seus desejos, aceitar-se faltante e nunca completa.

Em seguida à metamorfose de Ofélia, diante da espantosa presença do pintinho na cozinha, a narradora diz que a menina pode ir para a cozinha brincar com o pintinho, mas só se ela quiser e completa:

²⁰ Personagem de Franz Kafka, A Metamorfose

²¹ Lspector Clarice, Todos os Contos, p. 360

²² Lspector Clarice, Todos os Contos, p. 361

*"Sei que deveria ter mandado, para não expô-la à humilhação de querer tanto. Sei que não lhe deveria ter dado a escolha, e então ela teria a desculpa de que fora obrigada a obedecer. Mas naquele momento não era por vingança que eu lhe dava o tormento da liberdade. É que aquele passo, também aquele passo ela deveria dar sozinha. Sozinha e agora. Ela é que teria de ir à montanha."*²³

E, então, a menina completamente exposta, desejante, vai até a cozinha brincar com o pintinho. Ofélia brinca e se encanta com o animal, esquecendo-se que ele não é seu e que só poderá ser seu à força. O mundo pulsional foi colocado em movimento, visto que sua identidade anterior, conhecida e familiar, de mini-adulta, foi perdida. Então a menina, em silêncio, longe dos olhos da narradora, mata o pintinho. O amor de Ofélia é desastroso e destrói o outro pelo excesso que sufoca. Berta Waldman, comentando o mesmo conto, afirma:

*"Ofélia transgride o mandamento por amor, ou melhor, ela mata porque não consegue estabelecer o acordo necessário entre o desejo e o objeto desejado. Inadvertida, avança o sinal e sufoca o pintinho"*²⁴

E, nesse momento, em um dos trechos mais bonitos do conto, a narradora, diante da percepção de que a menina matara o pintinho, diz:

*"Ofélia, tentei eu inutilmente atingir à distância o coração da menina calada. Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro! A gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada. Eu que não me lembrara de lhe avisar que sem o medo havia o mundo. Mas juro que isso é a respiração."*²⁵

Aqui, um outro conceito freudiano nos ajudaria a entender o ato de Ofélia: a pulsão de morte, que estaria ligada à busca do ser humano por reduzir as tensões. Em contraponto à pulsão de vida, a pulsão de morte se refere aos desligamentos da libido, às rupturas, às desconexões. Seu objetivo último é reconduzir o ser vivo ao estado inorgânico.

²³ Lispector Clarice, Todos os Contos, p. 362

²⁴ Waldman Berta, A paixão segundo C.L., p.162

²⁵ Lispector Clarice, Todos os Contos, p.365

Ao matar o pintinho, Ofélia rompe com esse estado pulsional novo que a atravessa e que a conectava com o lúdico, voltando à austeridade da menina que se esforça por negar sua infância. Volta ao conhecido. Ofélia não suporta se perceber humana, se perceber limitada e faltante.

Para concluir, poderíamos atentar ao título da obra, “Legião Estrangeira”, que de imediato remete à obra “O Infamiliar”, de Freud, onde “o infamiliar é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo”²⁶. Aquilo que provoca infamiliaridade se corresponde com o que portamos de mais próprio, fundante e revelador; ou seja, uma estranha familiaridade. O jogo entre as vizinhas, entre a mãe de Ofélia e a narradora, entre a criança metódica e a adulta desorganizada, é um jogo de estrangeirismos, onde, por meio do choque com o diferente, características muito íntimas podem ser reconhecidas.

Poderíamos, por fim, pensar nas crianças como estrangeiras, como aqueles seres que ainda não pertencem e que, através do outro, se veem.

O ser humano é sempre um pouco legião estrangeira em sua própria casa, por desconhecer suas pulsões e seu inconsciente. A análise pessoal e o estudo da psicanálise acabam por nos tornar um pouco menos estrangeiros a nós mesmos.

Referências:

FREUD, Sigmund. (1919). O Infamiliar. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

_____. (1920). Além do Princípio do Prazer. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, Obras Completas, vol. 14.

LISPECTOR, Clarice. Todos os Contos. Rio de Janeiro, Rocco, 2015

HOMEM, Maria Lucia. No limiar do silêncio e da letra - traços da autoria em Clarice Lispector. São Paulo, Edusp, 2012

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1997

ROUSENBAUM, Yudit, Olhares da inveja em dois contos de Clarice Lispector, São Paulo, 2018

WALDEMAN, Berta. *A paixão segundo C.L.* (2ª ed., rev. e ampliada). São Paulo: Escuta, 1992

²⁶ Sigmund Freud, O infamiliar

2º Semestre 2021

Ciclo III

Aluno: André Alves

Título: TEMPOS EXAUSTOS: A COMPULSÃO POR PRODUÇÃO

"Nervos debilitados provocam a neurastenia: não deixe que o excesso de trabalho debilite o seu organismo, porque o cansaço psíquico e intelectual o levará, fatalmente, à neurastenia". O anúncio é do século passado, mas poderia ser de hoje.

Um dos grandes paradoxos do início dos anos 2020 é habitarmos um mundo em que tantos estão sem trabalho enquanto muitos outros vivem no excesso de trabalho, dicotomia brutalmente intensificada pela pandemia da COVID-19. Paralelamente, também avança uma epidemia silenciosa de depressão e ansiedade. O sujeito contemporâneo trabalha demais e deprime-se demais, uma condição que está intimamente ligada à origem da neurastenia.

Descrita pela primeira vez na segunda metade do século XIX, a neurastenia foi caracterizada pelo neurologista George Beard como um estado crônico de esgotamento físico e mental. Ao questionar-se sobre as razões da frequência tão expressiva da neurastenia nos EUA, Beard acreditava que as causas estavam no modo de vida americano, sujeitos que trabalhavam demasiadamente e viviam em ambientes agitados demais. A vida moderna parecia estar produzindo novas formas de sofrimento, perspectiva essa que inclusive influenciou Freud.

Se inicialmente Freud descreveu a neurastenia como uma administração insatisfatória da economia sexual e geralmente ligada à masturbação, mais tarde vai relacionar o aumento da neurastenia com os efeitos nefastos da civilização sobre a sexualidade. O viés sociocultural introduzido por Beard na compreensão da neurastenia estará presente na "nervosidade" de uma civilização intrinsecamente patogênica regida por uma moral sexual, ideias desdobradas em textos como "Futuro de uma ilusão" (1927) e "Mal-estar na civilização" (1930).

Resumindo muito, há mais de 100 anos já se discutia o trabalho como fonte de um tipo específico de sofrimento. Mas hoje, a Neurastenia parece ter sido substituída por significantes como a ansiedade, a depressão e, a grande estrela, o burnout.

Burnout, ou síndrome do esgotamento profissional, foi descrita como distúrbio psíquico pelo psicólogo Herbert Freudenberger em 1974 e, em 2019, oficializada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) como doença crônica. Desde a Revolução industrial, a humanidade tenta lidar com os problemas derivados do excesso de trabalho, mas o esgotamento atual leva o sujeito contemporâneo a novos patamares. De acordo com um estudo feito pela OMS e pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) com dados de 150 países, mais de 745 mil mortes no mundo foram causadas pelo burnout só em 2016. Como dizem os japoneses, *karoshi*, ou simplesmente "morrer de tanto trabalhar". Gradativamente, o esgotamento vai se tornando mais letal e mais estrutural.

Entre a neurastenia, a nervosidade e o burnout, quando o trabalho não vai bem, podemos presumir que o pacto social também não anda lá essas coisas. Na psicanálise, trabalhar é um pilar fundamental da vida em civilização, já que também se trata de renunciar às pulsões instintivas do indivíduo para fazer algo no coletivo, selando assim o pacto social. Quando o trabalho está em descontrole, o pacto civilizatório vai se tornando pesado para os sujeitos e, no limite, beira o rompimento.

Como escreveu o psicanalista Hélio Pellegrino em *Édipo e Liberdade* (Folha de São Paulo), “se o trabalhador for desprezado e agredido pela sociedade, tenderá a desprezá-la e agredi-la, até a um ponto de ruptura.” Se diariamente sentimos que a sociedade atual não vai bem — ou até flerta com o colapso — esse espírito do tempo está intimamente ligado à crise nas relações de trabalho.

Ainda que o excesso de trabalho e a exaustão venham se tornando um problema de saúde pública, muitos dobram a aposta no discurso do “faça o que você ama e nunca se sentirá trabalhando”, narrativa especialmente apreciada pelo empreendedorismo meritocrático da indústria da tecnologia tão popular nos anos 2010. Se Freud estabeleceu a capacidade de amar e trabalhar como síntese da saúde mental, o tecnoliberalismo instituiu o amor ao trabalho como síntese da vida. Mas amar — e cultuar — o trabalho acima de tudo e de todos não parece estar dando certo. Como diz o meme, “trabalhe com o que você gosta e nunca mais gostará de nada”.

O delirante culto ao propósito

Nas últimas décadas, o universo do trabalho foi regido pela figura da *startup*, empresas geralmente pautadas por longas horas de trabalho, escritórios-clubes povoados por microempreendedores e trabalhadores temporários, digitalização por todos os cantos. Tudo em nome da inovação e do senso de impacto. A imagem do tubarão de Wall Street ávido por dinheiro foi sendo substituída por gurus *high-tech* teoricamente preocupados com a criação de um mundo melhor. É uma parafernália complexa, movida à especulação, autoexploração e exclusão, elegantemente empacotada por um significante muito sedutor: o propósito.

É uma dinâmica que chama de microempreendedor aqueles que desempenham trabalhos informais como única opção para garantir condições básicas de sobrevivência. Motoristas, entregadores e *personal shoppers* de aplicativos passam por um *rebranding* e suas condições precárias de trabalho passam a ser chamadas de flexibilidade, ainda que cheguem a passar até 15 horas trabalhando. Como escreveu a socióloga norte-americana Tressie McMillan Cottom, “o discurso é inclusivo, mas as condições de trabalho são predatórias”.

Nessa direção, o mal-estar do trabalhador que esgota a si mesmo e também os recursos do mundo foi eclipsado por uma aura simbólica que confunde cansaço com senso de realização. Nesse contexto, o sujeito contemporâneo se convence e é convencido de que está mudando o mundo. Lucro para alguns, propósito para todos.

Como resume Adam Neumann, co-fundador da empresa de espaços compartilhado de trabalho WeWork e grande expoente da era de tech-gurus, é sobre “trabalhe até cair”. E muitos caíram, simbolicamente e literalmente, resumindo sua vida às suas funções, desempenhando um verdadeiro culto ao trabalho — o Trabalhismo²⁷.

Workism / Trabalhismo é a ideia de que o trabalho se tornou a peça central da identidade e da cultura atual a ponto de ser tratado como religião. Para além da sobrevivência e do pacto social, torna-se promessa de sentido da vida e transcendência. O termo foi cunhado pelo jornalista Derek Thompson no artigo *Workism Is Making Americans Miserable* (Trabalhismo está tornando os

²⁷ Tradução livre (Workism / Trabalhismo). Originalmente, “Trabalhismo” é o termo que define uma ideologia política que tem como princípio a defesa da classe trabalhadora e de seus interesses. No Brasil, o trabalhismo teve, por expoentes teóricos, Alberto Pasqualini e Santiago Dantas.

americanos miseráveis) no The Atlantic. O artigo foi publicado em 2019, mas seu título poderia muito bem ter saído das páginas de George Beard sobre as origens da neurastenia.

Do ponto de vista da idolatria, tratar o trabalho como religião é uma ótima jogada para quem se beneficia do trabalho alheio. No lugar de ir à missa aos domingos ou meditar 30 minutos diariamente, o sujeito dedica pelo menos 40 horas semanais ao seu novo deus. Jornadas ilimitadas se tornaram o dízimo da devoção ao trabalho e à tecnologia. Mas essa divindade vem falhando, já que tempos digitais hiperindividualizados e acelerados também são ainda mais pautados pela desigualdade e exploração, além de deprimentes e psiquicamente insustentáveis para o sujeito.

O que tudo isso revela sobre o tempo em que vivemos? Que talvez estejamos vivendo uma cultura infantilizada demais, perigosamente viciada em trabalho e na qual o Eu Ideal foi anabolizado e entorpecido, pronto para alienar qualquer forma de opressão em nome do discurso do propósito. Nesse contexto, o burnout não é mais um lugar que se visita e do qual se retorna, mas a residência permanente de uma cultura que está ocupada demais. Ou, como diz a internet, “sem tempo irmão”.

Exaustos de estarmos exaustos

Nos tempos do cansaço compulsivo, o trabalho remoto é frequentemente apresentado como a solução mágica para garantir a satisfação dos trabalhadores. Trabalhar em casa teoricamente significa trabalhar menos, ficar perto da família e não perder tempo com deslocamentos. Mas com o atravessamento da pandemia, o sujeito contemporâneo está condenado a um ciclo infinito de maratona episódios de séries, mensagens em redes sociais e reuniões remotas. Trabalhar em casa passou a significar trabalhar o tempo todo — o *home office* virou *hell office*.

Ainda que essa não seja a realidade da grande massa, todos nos sentimos cansados de alguma forma. E a pandemia escancarou os limites dessa fantasia até para quem está atrás das privilegiadas e exaustivas telas. Se trabalhar cansa, o trabalho remoto esgota e exaure, como aborda a obra do filósofo Byung-Chul Han, “o pai da Sociedade do Cansaço”, inclusive em seu recente texto *The Tiredness Virus* (O Vírus do Cansaço):

“O trabalho termina em algum momento. A compulsão por realização a que nos submetemos vai além desse ponto. Ela nos acompanha nos momentos de lazer, nos atormenta mesmo durante o sono, e muitas vezes leva a noites sem dormir. Não é possível

se recuperar da compulsão por realização e desempenho. É esta pressão interna, especificamente, que nos deixa cansados. Há, portanto, uma diferença entre cansaço e exaustão.”

Com a solidão do distanciamento social pandêmico, o sujeito se mantém preso em uma egolatria sem fim. No lugar de olharmos nos olhos do outro, vemos apenas as telas que projetam nossa própria imagem, nos colocando em um ritmo frenético de vida entre-telas que nos faz experimentar uma espécie de selfie ininterrupta no narcisismo do Zoom. Produzimos mais e nos esgotamos ainda mais — tudo voluntariamente.

No tecnoneoliberalismo, como Han descreve, a sociedade disciplinar de Foucault de Disciplina e Punição dá espaço a uma lógica de autoexploração que anda de mãos dadas com o ideal de liberdade. O que nos esgota não é uma coerção externa, mas o imperativo interno de render cada vez mais. “As mídias sociais transformam todos nós em produtores, empresários cujos Eus são os negócios. Ela globaliza a cultura do ego que corrói a comunidade, corrói qualquer coisa social”. É a performance global e permanente do ego na qual o trabalho não é mais focado na produção de bens materiais, mas sim pautado pela exploração da personalidade como *commodity*, pela aspiração de criar marcas pessoais. E é aí que se desenha uma cisão entre trabalho e desempenho e performance, como Han descreve em O Desaparecimento dos Rituais:

“A compulsão da produção traz consigo a compulsão de um bom desempenho. O desempenho difere do trabalho em termos libido-econômicos. No caso do trabalho em si, o ego não precisa tomar o centro do palco. No caso do desempenho, no entanto, o ego se relaciona especificamente consigo mesmo. (...) A relação narcisista com o eu constitui a performance, a libido do ego governa o sujeito da performance. Quanto melhor ele atua, mais ego ele ganha. Freud, nós sabemos, associou a libido do ego com a pulsão da morte. O sujeito narcisista da performance se rompe por causa de um acúmulo fatal de libido do ego. Ele se explora voluntariamente e apaixonadamente até se desfazer, se otimiza até a morte.”

Se a única certeza do século XXI parece ser o cansaço, também paira no ar um sentimento de que ninguém aguenta mais. Assim como muitos que afirmam sofrer de depressão, o sujeito contemporâneo exausto também se autodiagnostica *buned out*, se medica com o que o setor

farmacêutico oferece ou mesmo com as duvidosas soluções que indústria do bem-estar vende. Cansado? Medite, cuide da pele, faça exercícios, cuide das plantas — são infinitos os rituais do chamado autocuidado que prometem diminuir o som e a fúria que vem de dentro. E, claro, aumentar a produtividade. #lifehacks.

As atividades de relaxamento também acabam sendo absorvidas pela lógica do consumo e do desempenho. No ritmo dos likes, EUs anabolizados acabam consumidos até pela performance dos cuidados com a exaustão. Afinal, ninguém pode deixar seu desempenho cair, mesmo que isso signifique a própria ruína psíquica.

Afinal, queremos parar?

Se por muito tempo o *stress* e a precarização do trabalho pareciam efeitos colaterais “mínimos”, que atingiam “apenas” as periferias do trabalho tecnológico, hoje suas consequências estão mais evidentes para muito mais pessoas, inclusive para quem tentou vender o sonho da *uberização* do trabalho. A medida que o tecnoneoliberalismo avança no mundo e na história, fica mais evidente que a compulsão pelo desempenho não é apenas uma consequência, mas sim a regra do jogo.

Autores como os psicanalistas Vladimir Safatle e Christian Dunker vêm trabalhando como o triunfo do neoliberalismo só foi possível a partir da administração do sofrimento como forma de aumentar a produtividade. Mais do que um discurso social, foi preciso internalizar os princípios empresariais de performance e autoavaliação em todos os campos da vida do sujeito. Dessa forma, a empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos. Se George Beard entendeu a neurastenia como consequência da vida moderna, o sofrimento psíquico extremo é um pilar do contemporâneo.

Como Safatle desdobra em *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, a racionalização empresarial do desejo coloca o sujeito em um trabalho interno constante. Nessa lógica, muitos vão inclusive buscar tipos de tratamento que calem os questionamentos em nome da grande meta: atingir ou voltar a alcançar o desempenho máximo:

“As técnicas de steps, de foco, de gerenciamento de ‘capital humano’, de ‘inteligência emocional’, de otimização de performance que tinham sido criadas nas salas de recursos humanos das grandes empresas agora faziam parte dos divãs e consultórios. Nem todos tinham percebido, mas não estávamos apenas falando como empresários de nós mesmos.

Estávamos transformando tal forma de organização social em fundamento para uma nova definição de normalidade psicológica. Nesse sentido, tudo que fosse contraditório em relação a tal ordem só poderia ser a expressão de alguma forma de patologia. Patologizar a crítica era simplesmente mais um passo.

Se a neurastenia freudiana foi associada à masturbação, há um caráter da repetição mortífera aqui também. O artigo de Fábio Luís F. N. Franco *Uberização, aceleração frenética e pulsão de morte* aprofunda esse debate ao lembrar que essa economia libidinal é sempre desmedida, em excesso — “o que Lacan identificaria como uma das modalidades de gozo: o mais-de-gozar. Ao tentar ser ‘a mais de si’, o trabalhador não faz outra coisa senão repetir o mesmo, indo sempre atrás do ‘a mais’ que lhe garantirá existência — em troca, entrega saúde, prazer e até a vida”.

No balanço final, o burnout está mais para *burn in*, porque é uma condição em que o sujeito se implode. Nas dinâmicas de realização e otimização compulsivas, é como se o sujeito cindido se perguntasse o tempo todo “*estou em chamas?*” ao mesmo tempo que responde a si mesmo “*eu gosto ou tenho de gostar do calor*”. Narciso pode ter se afogado em um lago, mas no burnout, o sujeito arde nas chamas da pulsão de morte e nas labaredas do inferno do Eu. Nessa psique devastada, resta apenas narcisismo e a substituição do desejo pela demanda. E tudo perde então o sentido.

A crise do sentido

A relação com o sentido do trabalho esconde uma dança complexa entre desejo e gozo. O desejo é a expressão de uma falta que faz o sujeito se movimentar de objeto em objeto em busca de satisfação. Enquanto isso, o gozo é aquilo que circunscreve o excesso, a repetição incessante à qual se torna impossível renunciar. O desejo tem a ver com o questionamento fundamental que nos tira o chão: “afinal, o que eu quero fazer da minha vida?”. Mas será que sobra espaço para o desejo nas maratonas de produção desenfreada e consumo compensatório?

A crise do sentido (e do desejo) é um traço cultural que responde ao “circuito infernal da demanda” em que nos encontramos. O império do gozo inunda o psiquismo com coisas e atividades que nos proporcionam prazeres dopamínicos curtos e irresistíveis. E quando o prazer é imperativo, extingue-se o prazer. No imperativo de gozo atual, o sujeito não sabe mais se realmente quer ou se está

apenas respondendo a demanda de um outro, da propaganda, do que quer que seja. Consequentemente, não sobram muitas brechas para a análise desses conflitos internos ou para a autorreflexão.

Se o trabalho não deveria ser "tudo isso" na vida do sujeito contemporâneo, o que deveria ser? Qual é o seu lugar? Nem só fonte de sobrevivência (que ironicamente se torna mortífera), nem sentido absoluto da existência. Afinal, uma coisa é buscar propósito no trabalho; outra é fazer do trabalho o único propósito da vida.

Talvez seja a hora de finalmente tentar dar novos contornos ao trabalho; e embarcar na tentativa de ajudar sujeitos a se reposicionarem em relação aos seus desejos. Trabalhar cansa e vai seguir cansando. Mas acreditar na hipótese de sujeitos desejantes é, de certa forma, sonhar uma sociedade e uma existência que sejam menos exaustivas. Que alívio seria, não?! Ufa!

Referências:

- COTTOM, Tressie McMillan. (2020) The Hustle Economy. Dissent Magazine.
<https://www.dissentmagazine.org/article/the-hustle-economy>
- DUNKER, Cristian (2020) A hipótese depressiva. In Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento. Safatle, Silva e Dunker, Belo Horizonte: Autêntica.
- FRANCO, Fábio Luís F. N. (2021) Uberização, aceleração frenética e pulsão de morte. Revista Cult, edição de abril, São Paulo.
- FREUD, Sigmund (1969). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada 'neurose de angústia'. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago. 2019
- HAN, Byung-Chul. (2017) Sociedade do cansaço. Giachini, Enio Paulo.
- HAN, Byung-Chul. (2018) A Expulsão do Outro. Relógio DÁ'gua.
- HAN, Byung-Chul. (2020) The Disappearance of Rituals. Polity Press.
- HAN, Byung-Chul. (2021) The Tiredness Virus. The Nation.
<https://www.thenation.com/article/society/pandemic-burnout-society/>
- PELLEGRINO, Hélio (1983, 11 de setembro). Pacto edípico e pacto social. Folha de S.Paulo, São Paulo
- PEREIRA, Mario Eduardo Costa (2002). George Beard: neurastenia, nervosidade e cultura, Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental 5, São Paulo.
<https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v5n1/1415-4714-rlpf-5-1-0170.pdf>
- SAFATLE, Vladimir (2020) A economia moral neoliberal e seus descontentes. In Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento. Safatle, Silva e Dunker, Belo Horizonte: Autêntica.
- THOMPSON, Derek. (2019) Workism Is Making Americans Miserable. The Atlantic.
<https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2019/02/religion-workism-making-americans-miserable/583441/>
- ZIZEK, Slavoj. Pandemic!: Covid-19 Shakes The World. New York: OR Books, 2020

2º Semestre 2021

Ciclo IV

Aluno: Isadora Garaventa Salgado

Título: MINHA PRIMEIRA VEZ

Sobre o caso

Ana é uma menina jovem, do interior de São Paulo, de 25 anos, que me chega com a queixa de que sente uma angústia horrível e, ao mesmo tempo, uma profunda indiferença pelo mundo desde os nove anos de idade. Ela diz que se lembra exatamente da primeira vez que sentiu essa angústia: estava no shopping com a mãe, andando e, de repente, notou as pessoas ao redor, falando, felizes, despreocupadas e aquilo a deixou profundamente angustiada e com raiva. Ela não conseguia entender como as pessoas podiam andar alegres, como se não carregassem o peso absurdo da vida nas costas. Ela também não conseguia captar o sentido daquela alegria, nem mesmo da ação de andar pelo shopping. Nada fazia sentido.

Quando a ouvi dizer que nada fazia sentido, me preenchi com a sensação de que ela não podia sentir. O sentido não era uma razão mas, sim, o sentimento em si que não se fazia. Não se podia fazer. E foi assim, durante meses de nossas conversas.

Os pais de Ana se separaram quando ela tinha dois anos e seu pai foi direto morar na casa de uma nova mulher. Ana ficou sozinha com a mãe durante três anos, até que João, seu padrasto, chegou.

Ana teve um irmão, por parte de pai, que nasceu quando ela tinha quatro anos. Em um ato falho, ao ver o sapatinho que o bebê usaria para sair da maternidade, ela disse “papai, esse é o sapatinho que ele vai usar no cemitério?”. Seu pai não ligou muito para a afirmação mas a mãe da criança ficou furiosa. Por um infortúnio da vida, o bebê realmente morreu, aos 14 meses, de complicações inexplicáveis de saúde. Ana foi obrigada a ir ao enterro e lá, sua madrastra mandou abrir o caixão e a forçou a ver o irmão, que finalmente estava morto. Ana me conta essa história numa das primeiras entrevistas que tivemos. Mas nunca mais toca no assunto.

Nas primeiras sessões Ana também me conta que, quando sua mãe casou com seu padrasto, sua vida mudou completamente. Que eles finalmente eram uma família, faziam coisas de família, tinham um sítio, cachorro, tudo que uma família deveria ter. Que Ana era muito feliz enquanto eles estavam juntos mas que, por causa dela, por que Ana começou a namorar (aos 18 anos), tudo tinha acabado. Ana me conta que seu padrasto não gostava do seu namorado e que durante uma viagem, para o sítio, ele e sua mãe tiveram uma briga feia e o padrasto mandou Ana, seu namorado e sua mãe embora. E a vida nunca mais foi a mesma. Ela fala que a mãe e o padrasto tentaram voltar, mas que ele já não falava com Ana e a tratava de maneira completamente diferente. Então a relação não deu certo e a vida como ela conhecia acabou. Ela diz que ficou com um vazio horrível dentro de si e que não sabe mais como viver. Não tem mais uma família, não sabe o que fazer aos domingos, a vida não tem mais sentido. Tudo por culpa dela.

A cada sessão que temos sua voz vai ficando mais baixa, a ponto de eu ter que aumentar completamente o volume do meu computador, trocar de fone de ouvido e, ainda sim, ter que pedir para que ela repita algumas coisas. Tenho certeza que perdi bastante por não poder estar ao vivo com ela durante esse tempo e escutar (ou não) essas palavras que não queriam sair ou que ela mesma não queria escutar.

Ana está, quando chega à mim, ainda com aquele namorado, que diz já não gostar mais. Ela tem uma vontade enorme de terminar o namoro mas não consegue. Segundo ela, tudo na casa desse namorado a irrita. Eles tem uma relação familiar intensa, todos se metendo na vida dos outros. Falam muito de comida e cozinham bastante. Seu namorado não tem muita vontade de fazer nada então passam boa parte do tempo em casa vendo televisão. E Ana reclama para mim que quer algo extraordinário, diferente na sua rotina mas que ali nunca vai conseguir isso.

Durante meses falamos dos finais de semana tediosos e horríveis na casa do namorado, das semanas sem graça, da falta de sentido das coisas e da vontade que ela tem de sumir. Ana tem certeza de que nunca vai parar de se sentir assim e nunca vai sair desse buraco. Ana é psicóloga recém formada mas não quer atender ninguém porque acha que, assim como não vai conseguir se sentir melhor, não vai poder ajudar ninguém a se sentir melhor. Inúmeras vezes ela me diz que não acredita que vai mudar, nunca. Eu entendo, de certa forma, essas afirmações como um recado à mim e a respondo que entendi a cobrança, que sei que ela está me dizendo que não vou conseguir ajudá-la e que eu não deveria atender ninguém, porque assim como não estou conseguindo ajudar a ela, também não vou conseguir ajudar ninguém. Mas que mesmo assim, ela continua voltando, ela vem a todas as sessões. Então algo de uma esperança, mesmo que essa palavra seja tão “cafona”, há ali. E que, como ela mesma sabe, já que é uma colega, algumas coisas levam tempo.

E Ana volta em todas as sessões. Durante algum tempo, tenta fazer coisas diferentes mas, como tudo na vida dela, nada dá certo. Ela tenta fazer exercícios físicos, mas trava a coluna e não consegue mais continuar porque tem dores horrorosas. Me lembro do peso que ela diz carregar na primeira entrevista que fizemos. Ela tenta ir ao parque algumas vezes mas toda vez que ela chega lá, o tempo fecha. Ela tenta recuperar algumas amizades online mas as pessoas já não respondem como antigamente. Nada dá certo pra ela, nunca. Nas sessões que antecedem o final de semana, o assunto é sempre o quão chato tudo vai ser e como isso nunca vai mudar. Sempre que fala qualquer coisa boa sobre ela, Ana se repreende e diz que aquilo era ridículo.

Um dia, cansada e frustrada por não conseguir terminar uma sessão num tom um pouco mais esperançoso, eu a digo “um péssimo final de semana para você. Muito chato, horrível, de chuva e sem nada para fazer”. Ela abre um sorriso e fala “se for assim vai ser muito bom”. Eu dou risada e desde esse dia adotamos este tom nas nossas conversas. Quanto pior o acontecimento, melhor ela se sente. Quanto mais chato o final de semana, mais confortável e tranquila ela está. E resolvo sustentar isso por algum tempo, vamos assim mais algumas semanas.

Uma noite, durante o final de semana, Ana me liga bem tarde, chorando, muito abalada. Ela conta que agrediu o namorado com socos e mordidas, que ele está sangrando. Ela diz que achou que ele ia terminar o relacionamento com ela mas ele não terminou. Ela ainda está na casa dele. Tudo tinha acabado de acontecer. Ela me diz que prometeu a ele que não faria mais isso mas que tinha certeza absoluta que ela faria outra vez. Ela me conta, também, que a briga começou quando um amigo em comum comentou sobre um jantar que o namorado tinha ido mas que ela não soube. Ana diz que ficou muito brava por não ter sabido que o namorado saiu e que por isso essa raiva toda veio à tona. Eu peço para entender melhor o que ela tinha sentido, se ela está com ciúmes, se sentindo abandonada por ele, o que pode ter feito com que ela se sentisse tão afetada. Ela me diz “ele se divertiu” e, depois de um longo silêncio, “ele se divertiu e não me contou. Provavelmente porque eu ia ficar irritada por ele ter se divertido. Eu me irrita quando as pessoas estão se divertindo. Acho que foi por isso que ele não me contou”.

Ana está muito abalada, chorando demais, e eu pergunto se ela gostaria de sair de lá, ir pra casa, pra conseguir se acalmar, já que na casa dele, toda a família do namorado está muito assustada com a situação e isso está fazendo com que Ana se sinta pior ainda. Ela me responde categoricamente que não pode sair de lá. Se ela sair, o namorado vai melhorar e ela não. Então ela vai ficar até o dia seguinte.

Falamos sobre a impossibilidade de Ana se divertir e de toda raiva e inveja que existem dentro dela nas sessões depois disso. Eu digo que, apesar de ter machucado o namorado, algo de

extraordinário aconteceu naquele final de semana. Obviamente não é interessante, para ela e para ninguém, que ela siga agredindo as pessoas mas, pela primeira vez, eu conseguia ver a intensidade daquela raiva. Penso também, mas aí só comigo, que o algo extraordinário foi algo teoricamente ruim. Mesmo tendo feito algo diferente, ela fez algo que não seria considerado bacana. Porque tudo tinha que ser tão ruim e só piorar? Porque essa era a zona de conforto dela, porque só assim ela conseguia resistir?

Pouco tempo depois, Ana começa a atender alguns pacientes em uma clínica, um dia por semana. Ela larga o emprego de professora de inglês pra se dedicar à psicologia. Ela diz que quer tentar. Mais ou menos na mesma época, Ana termina o namoro.

Na mesma noite em que termina o namoro Ana sai para uma festa com pessoas da faculdade e fica com um menino que conhecia e tinha vontade de ficar a muito tempo. Ele é o oposto do seu namorado: um cara bonitão, DJ, tocava em uma balada. Um cara interessante. No dia seguinte, Ana encontra um outro amigo, um cara com quem ela ficava na época da escola, e fica com ele também. No terceiro dia, encontra o DJ e fica com ele de novo.

Quando nos falamos, depois do final de semana, tudo isso tinha acontecido. O final do namoro e as noites intensas com esses outros amigos e ficantes. Ana está exausta e se sente muito culpada por tudo que tinha feito. Diz que não vai mais sair com nenhum deles, nem beber tanto e ficar fora até tão tarde, porque não está se sentindo bem fisicamente com tudo isso. Eu sinto uma necessidade de falar sobre o Covid, o fato de que ainda estamos numa pandemia e o encontro com todas essas pessoas e, também, se ela tinha usado preservativo, porque ela conta tudo de maneira tão culpada, como se tivesse feito coisas realmente horrorosas. Eu fico pensando se ela está em contato com a realidade mesmo ou se, de repente, se perdeu um pouco dela. Ter pensado no contágio de alguma forma e no preservativo seria, ao meu ver, uma ligação com o real de tudo que está acontecendo. Além disso, eu não consegui ver tamanho horror, apesar de entender o quão importante tudo isso era na história dela. Ela me diz que sim, que falaram sobre a Covid, encontraram em um local aberto e que usou preservativo todas as vezes, mas eu ainda fico com a sensação de que ela não está me contando tudo. E tudo bem. Esse é o meu “não entender”. Não pergunto mais durante algum tempo.

E assim vão as próximas semanas. Finais de semana intensos, cada noite na casa de um dos meninos, ou dos dois, e dias da semana cansados, culpados. Até que um dia ela me conta que foi jantar na casa do ex namorado porque era aniversário da mãe dele e nenhum dos dois tinha contado para os pais que o namoro tinha terminado.

Ana então intercala o tempo livre entre os dois meninos e o ex namorado. Ela diz que não se relaciona fisicamente com o ex namorado, só passa tempo com ele porque senão ele fica muito sozinho. E que também deixou muito claro para o DJ que não quer nada sério com ele. Ela se irrita porque ele ainda sim manda mensagens e quer vê-la.

Em uma sessão ela me diz que não aguenta mais fazer tanta coisa errada. Eu pergunto o que ela está fazendo de errado. Ela conta que saiu com o DJ na noite de sábado e almoçou com o namorado no domingo. Eu digo que a culpa dela é muito grande, desproporcional e que, a não ser que ela não esteja me contando tudo, eu não consigo ver o que é tão horrível. E Ana me diz que não está contando tudo. Ela conta que chega nervosa nas sessões porque não tem coragem de falar que está bebendo demais todas as noites, fumando maconha e que gosta de apanhar durante as relações sexuais. Ela diz que fica muito sem saber como me contar isso. Eu respondo que felizmente ela já contou, o difícil já foi, que está tudo bem, e pergunto se essa dor é o que dá tesão ou se o fato de apanhar é mais importante do que a dor. Ela me diz que assim, se colocando nessa posição e pedindo para apanhar, ela deixa os caras querendo mais. “É claro que se eu falo pra eles fazerem isso, eles ficam loucos, e querem ficar de novo comigo” “É como se eu precisasse que eles quisessem ficar comigo de novo”. Ela me conta então que o ex namorado não gostava de bater, não sabia, não queria, mas que ela pedia pra ele fazer mesmo assim. Que muitas vezes ela transou sem vontade com ele mas que ela sentia que precisava fazer isso, pra tirar isso da frente. Era como se ela não conseguisse segurar a ansiedade e não conseguisse fazer nada se não tivesse “resolvido” essa parte do sexo, como se ela devesse isso ao ex namorado e quisesse tirar logo da frente essa demanda pra poder viver todo o resto.

Mais algumas semanas passam e ela vai estreitando a relação com esse namorado de novo. Eles ficam mais tempo juntos. Durante uma sessão ela me diz, irritada, que o DJ continua mandando mensagens e que ela pediu pra que ele não fale mais com ela. Eu pergunto “você quer mesmo que ele não fale mais com você?”. Ela responde que não, que ela quer que ele continue mandando mensagens e falando com ela mas não sabe exatamente porque ela não suporta isso. E que ela acha ruim falar com ele já que está passando mais tempo com o namorado. Ela me conta também que no domingo, depois de um final de semana conturbado, ela chegou em casa querendo muito que a mãe estivesse lá pra ela ter uma desculpa para não sair. Mas a mãe não estava, então ela tomou cinco comprimidos de Dramin para dormir logo e não ter a possibilidade de sair e encontrar o DJ outra vez. Ela precisava de algo que a fizesse parar, pensei.

Em seguida ela lembra de um acontecimento extraordinário do final de semana. Ana me conta que estava dormindo na casa do namorado quando escutaram um barulho no jardim.

Olharam e era o cachorro dele perseguindo alguma coisa. O namorado resolve descer porque fica com medo que o cachorro esteja machucando algum animal indefeso. Ana desce junto e quando veem, o cachorro está matando um gatinho filhote.

Durante todo o nosso tempo juntas, Ana me fala que morre de vontade de ter um gatinho mas que não pode. Ela chegou a adotar um mas sua mãe não deixou que ele ficasse em casa e, ela, no desespero, o deixou na rua. Chora muito toda vez que toca nesse assunto, fala que não podia ter abandonado o gato.

Voltando ao assassinato do gatinho, Ana me diz que ficou olhando o gato morto por um tempo, procurando a vida dele pelo jardim. Que a vida era muito frágil, num momento estava ali e em outro não. Que mesmo que conseguisse colar os ossos, abrir os olhos e botar o gatinho de pé, ele não voltaria a viver. E, depois de um pequeno silêncio me diz, “eu vi meu desejo ali, o gatinho, sendo assassinado. Parece que a casa do Rafael é o lugar que vou pra ver meus desejos morrerem”. Eu pergunto porque ela continua indo lá e ela me diz “o Rafael é a interdição do meu desejo”.

Nesse momento me vem com toda força a cena da morte do irmãozinho de Ana e a maneira com que tudo aconteceu. Me lembro do pai ter ido embora quando ela tinha quase dois anos, do ato falho revelando o desejo de que o irmão morresse, o fato infeliz de que ele tenha realmente morrido, a atitude da madrasta a obrigando a ver o corpo do bebê. Vem tudo como uma bomba na minha cabeça.

E eu pergunto para ela “o que acontece se ele não está aí para interditar o seu desejo?” Ela diz “eu fico numa agonia profunda, não sei o que pode acontecer, só coisa ruim vai acontecer com certeza”.

Nesse momento eu resolvo falar pra ela o que estava pensando e digo “Me lembrei da morte do seu irmão. Do fato de você ter querido que ele morresse e do infortúnio dele ter morrido. Fico pensando na culpa que você deve carregar por isso e do quanto você gostaria que alguém estivesse ali pra interditar esse desejo. Aliás, me pergunto quantos outros desejos você também gostaria que fossem interditados e não foram nesse comecinho de vida. Eu sinto muito”.

Ela sorri e começa a chorar. Diz que sempre sentiu uma culpa enorme pela morte do irmão. Eu digo que entendo e que ela de fato matou o irmão, em pensamento, como todos nós fazemos com nossos irmãos, pais, filhos, companheiros em algum momento. Mas que ela não o tinha matado de verdade. Terminamos a sessão.

Na sessão seguinte ela começa me contando que foi convidada por uma amiga pra sair mas foi correr antes, pra não ter forças pra ir. Ela correu e se cansou o máximo que podia mas não deu certo, quando viu já estava arrumada e pronta pra sair. Encontrou os amigos de sempre, incluindo

o DJ. Ela diz que não sabe porque fez isso, que não quer mais sair e ficar com ele, não quer beber tanto e nem ficar fora de casa até tão tarde mas que ela não consegue não fazer isso.

Em seguida ela me conta de um paciente que usa drogas e fala para ela que sabe que isso não é bom, que sabe que vai estragar a vida dele, que ele tem que parar, mas que ele não se arrepende disso. E eu pergunto “você se arrepende de alguma dessas coisas que não quer mais fazer?” E ela me responde “esse ‘não’, pra essas coisas, não vai vir nunca”.

Imediatamente ela diz que ficou pensando na morte do irmão e que se lembra só de quatro momentos em que “viu” o irmão. O primeiro quando ele nasceu e ela falou dos sapatinhos, o segundo quando ela foi vê-lo na casa dos avós, o pegou no colo e ele quase caiu, o terceiro quando soube da morte do irmão e o quarto no velório. “Todos momentos ruins”. Eu pergunto “porque todos ruins” e ela reponde que no único que não teve a ver com a morte dele, ela quase o deixou cair.

Depois ela me conta que no dia do velório ela estava brincando com uma amiguinha na rua quando seus avós a chamaram. A amiga perguntou onde ela ia e ela disse “vou fazer uma entrega”, não teve coragem de falar que ia ao velório.

Na hora eu digo “você foi fazer a entrega”. E ela ri sem graça. Eu falo que imagino o quanto ela queria que alguém tivesse lá para interditar o desejo mas que, ao mesmo tempo, deveria ter algo de um alívio pela partida do irmão e que isso deveria causar ainda mais culpa nela. Ela concorda. Eu digo que todos nós fantasiemos a morte dos nossos mais queridos e dos menos também. É do ser humano, ninguém aguenta o outro o tempo inteiro sem algum tipo de irritação, e sem o desejo de que o outro suma em algum momento, mas que não é por isso que o outro some, ou morre. Ela ri e diz “se fosse assim o Bolsonaro já estaria morto, né?”. Nos duas rimos e falamos sobre os absurdos que teriam acontecido com Bolsonaro se as nossas vontades e pensamentos tivessem efeito sem a nossa ação.

Ela parece se lembrar de algo e diz “nossa que loucura, eu acabo de lembrar que no dia que um saiu o outro entrou. No dia em que meu irmão morreu, eu conheci meu padrasto”. Ela conta que estava muito sozinha no velório, principalmente quando a madrastra abriu o caixão. Ela diz que seu pai nunca estava muito presente, nem viu que aquilo aconteceu mas que quando ela olhou pra trás, viu a mãe chegando com um amigo. Esse amigo, seu futuro padrasto, estava muito presente, se apresentou pra todo mundo e, em seguida, a pegou no colo e perguntou se ela queria ir ao shopping, disse a ela que poderia escolher quantos brinquedinhos ela quisesse. Penso “será que esse foi o mesmo shopping da angústia primeira que ela conta, aos nove anos?”

Ana se lembra até hoje dos brinquedos que escolheu. Lembra de tudo que aconteceu naquele dia. Eu digo a ela que consigo entender um pouco melhor a agonia que ela sentiu quando o padrasto foi embora. Me atrevo a dizer que o pai foi embora muito cedo, ela não tinha ninguém ali pra interditar os desejos dela e que seu padrasto chegou num momento crucial para isso. Digo que com ele, ela deve ter se sentido segura. Ela sorri e diz que a vida quando ele estava lá era muito boa, não tinha essa angústia. Ela me conta que foi dormir num quarto só dela quando ele foi morar com ela e com a mãe. Antes disso, Ana dormia na cama com a mãe. Ela conta que tinha muito medo mas a mãe não deixava mais ela deitar na cama com eles. Até que um dia o padrasto deixou que ela dormisse do lado dele e assim foi até que ela conseguisse dormir sozinha no próprio quarto. Ana diz que nunca foi tão feliz quanto como nos anos em que o padrasto ficou com elas. Que as coisas faziam sentido. Eu me arrisco a entender, de novo, esse “sentido” não como uma direção ou como uma razão mas como um sentimento. Como se com o padrasto ali as coisas pudessem ser sentidas novamente, em segurança. Mas, não totalmente, porque a angústia sempre a acompanhou, mesmo que de longe, como na lembrança do shopping.

Vou um pouco mais além e digo que talvez, com a saída do padrasto, os pensamentos e desejos ruins não tivessem mais como ser contidos e isso lhe causasse uma agonia enorme. É como se nada bom pudesse acontecer com você, só as coisas ruins, só a punição e não uma recompensa porque, afinal, você causa coisas ruins nos outros e você tem medo do que pode fazer. Ela me diz que quando o padrasto estava ali, ela não podia fazer as coisas que ela queria. A mãe a deixava fazer tudo, mas o padrasto sempre dizia que ela tinha que perguntar para eles, sempre queria saber como e porque e só depois dava uma resposta. Eu digo que isso lhe fazia sentir uma segurança muito grande e bem vinda. E ela diz que sim. Mas que quando começou a fazer o que ela queria, ou seja, namorar, tudo acabou. O padrasto foi embora. Ao mesmo tempo, ela disse, “uma hora ou outra eu ia ter que começar a fazer as coisas que eu queria, né? Eu não era mais criança”. O padrasto ficou casado com a mãe de Ana durante 14 anos.

No final dessa sessão, depois de falarmos tudo isso, ela diz “pela primeira vez eu sinto que algo pode mudar. Não sei ainda o que vou fazer com isso ou como vai ser mas, dessa vez foi diferente”.

Sobre a minha primeira vez

Essa foi a experiência que me ensinou um pouco sobre a atenção flutuante. Freud escreveu em 1912 que “...essa técnica é bem simples. Ela rejeita qualquer expediente, como veremos, mesmo o de tomar notas e consiste apenas em não querer notar nada de especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma atenção flutuante”. Achei que, prestando atenção em tudo, alguns pontos iam

sobressaltar e eu conseguiria percebê-los facilmente. Mas, enquanto não parei de me preocupar em absorver tudo, em lembrar perfeitamente das últimas sessões, em montar um quebra cabeça, não consegui captar, ou melhor, não consegui perceber, o que era realmente importante. Aprendi (ou apreendi) que, em tentar reter tudo o que a analisanda me dizia, eu acabava tão confusa e imersa nas situações quanto ela, sem conseguir de fato realizar o meu trabalho, prestando somente um serviço “meia boca” de ouvinte. Freud, no mesmo texto de 1912 diz *“...ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta; fixamos com particular agudeza um ponto, eliminando assim outro, e nessa escolha seguimos nossas expectativas ou inclinações. Justamente isso não podemos fazer. Seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber. Não devemos esquecer que em geral escutamos coisas cujo significado será conhecido só posteriormente”*. Eu entendi a contra partida da associação livre que faço como paciente durante esse trajeto. Durante meses, tive que lidar com a minha frustração de ouvir um pouco mais do que eu achava ser o mesmo até que, quando parei de tentar, palavras, gestos e lembranças me vinham como tiros na mente e esses fragmentos produziam todo o sentido necessário para o momento. Por enquanto, essa se tornou a minha definição de atenção flutuante. Deixar que meus sentidos sintam, meu pensamento flutue livre e bolhas do que realmente importa explodam na superfície da consciência no momento exato em que determinado conteúdo tem que emergir.

Referências:

FREUD, Sigmund - “Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise” (1912) em Obras Completas, Volume 10 - Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2019

2º Semestre 2021

Ciclo V

Aluno: Elizabete Coutinho Brunetti

Título: SUICÍDIO E SAÚDE PÚBLICA: COLABORAÇÕES DA PSICANÁLISE

Atuo em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto III em São Paulo e percebo que na minha trajetória a psicanálise tem sido meu suporte para meus atendimentos. A maioria da população assistida neste equipamento de saúde é de baixa escolaridade e renda inferior ou igual a dois salários mínimos, pardos, pretos, sem moradia própria ou residem em centro de acolhida. Ancorado no momento atual da pandemia do Covid e frente ao isolamento os números de casos por tentativa de suicídio tem apresentado significativo aumento. Diariamente recebemos pessoas que fizeram tentativas, outras com planejamento e alguns egressos de internações hospitalares após a tentativa do suicídio.

O Centro da Atenção Psicossocial (Caps) é uma ferramenta substitutiva do modelo manicomial e hospitalocêntrico, mas ainda estamos em processo quanto a cultura enraizada na sociedade que o sujeito em sofrimento psíquico grave e persistente fique isolado e assistido em espaço fechado como descrito na história por séculos. Escuto com certa frequência a urgência de uma consulta médica como se algo “milagroso” fosse acontecer com uso medicamentoso. A desconstrução deste sintoma social atravessa o processo de escuta, esclarecimentos, responsabilização frente à tomada de decisão e o acompanhamento do sujeito e familiar por uma equipe interdisciplinar.

O Caps é uma ferramenta importante no SUS (Sistema Único de Saúde) e este é vinculado a outros serviços como assistência, judiciário, educação e outras secretarias. Este equipamento tem como objetivo o acompanhamento holístico do sujeito, família, respeitando sua singularidade através da escuta ativa. O SUS proporciona uma rede territorial visando o atendimento descentralizado e hierarquizado e, desta forma, trabalha especificamente a demanda daquele local através dos princípios do SUS (BRASIL, 2021).

Nesta lógica o Caps está interligado a UBS (Unidade Básica de Saúde), ambulatórios de especialidade, serviços de assistências diversos, hospitais e todos equipamentos que fazem parte da RAPS (Rede de atenção psicossocial). O Caps é um equipamento de porta aberta, ou seja, a pessoa pode comparecer espontaneamente ou ser encaminhado por serviços da rede territorial.

O suicídio é um tema complexo e desafiador para o sistema de saúde e esta engrenagem se torna imprescindível para a qualidade e eficácia do acompanhamento do sujeito. Observa-se que quando esses serviços partilham as ações no território há uma significativa resolutividade e a sensação de pertencimento do sujeito. E, entre tantas demandas que chegaram neste equipamento de saúde... no início de março estava de plantão (ou seja, disponível para chegada de qualquer pessoa para o acolhimento) recebi uma paciente jovem de 23 anos, encaminhada do hospital da zona leste após se jogar no metrô Penha. Estava silenciosa, olhar distante e desconfiada. Apresentava hematomas no corpo (principalmente na face lateral direita do rosto e do corpo), diversos pontos cirúrgicos nos braços e na cabeça. Esta respondia às perguntas somente com sim e não. Quando não era possível responder desta forma, se calava. O silêncio durou dias e a sensação que passava para equipe era a ruminação de novo planejamento.

Após um período de diversas tentativas de aproximação sem o retorno almejado eu fiquei no refeitório para participar do almoço e me aproximei da Maria (nome fictício). Esta verbalizou que se sentia melhor e que a cabeça estava um turbilhão. Assim iniciou nosso diálogo. Maria diz: “...Me joguei no metrô porque quero morrer, para que viver assim? Sou ignorada pela minha família, não tenho emprego, sou sozinha há anos, observo que tudo que faço não vai para frente. Meu destino é esse... morrer.”

Maria reside no mesmo quintal da mãe, desempregada há 3 meses, sua irmã mora no mesmo quintal, porém não se conversa devido uma briga que tiveram. Não tem amigos, estudou até a 7 série do ensino fundamental. Maria não traz planos para o futuro. Na infância ficava em casa a maior parte do tempo sozinha, pai fazia uso de álcool e era recorrente as brigas do casal. Foi trabalhar jovem (12 anos) na faxina e neste trabalho foi abusada sexualmente por um período de 2 meses. A partir deste abuso se isolou, saiu do emprego e chegando em casa não foi aceita. Passou um período na casa da “madrinha”. Depois de um período conseguiu emprego e foi morar sozinha com 16 anos. Namorou um rapaz que agrediu fisicamente e verbalmente. Morou com este por 2 anos até que numa agressão física o vizinho chamou a polícia. O nariz da Maria foi quebrado juntamente com suas expectativas de estudar e ter uma vida digna.

Iniciei o atendimento diariamente nos meus plantões e percebi visivelmente a melhora do humor, o brotamento da vitalidade e pequenas frases que expressavam o recomeço. Maria teve

alta do serviço, após duas semanas retornou e relatou à equipe que estava trabalhando. Maria verbalizou: “quero viver, quero ser amada e desejada... vou conseguir! Recebi pouco, aluguei um quarto sem banheiro e me banho no trabalho. Fiz minha inscrição na escola. Estou tentando sabe... mas é difícil!”

Baseado neste testemunho a equipe mobilizou serviço de acolhida, cesta básica, assistência na UBS, cursos breve e a Maria continua em acompanhamento na rede. Em diversas discussões do caso percebemos o quanto a Maria buscava holding, escuta e um local de pertencimento, observa que a cada vínculo construído Maria mostrava melhoras significativas.

Em outro plantão recebo o Lucio, 57 anos, escritor de 4 livros, casado por 2 vezes, três filhos porém mantém uma relação distante com os mesmos. Diz que tem um cronograma a seguir, refere que irá suicidar-se no próximo sábado. Coloca que os documentos estão separados, organizados e que já avisou a família. Está organizando para encontrar os filhos no sábado pela manhã e à tarde fará o ato. O atendi apenas 1 dia antes deste cronograma já determinado. No atendimento percebo decisão rígida, sem esperança, diz não querer ser pobre, repete várias vezes... “que vida de bosta, não estou depressivo, simplesmente decidi que quero morrer e não venha com essa conversa que há outras possibilidades, quero que respeitem minha decisão.” Diante do exposto fizemos reunião familiar, acionamos outros serviços para discussão e acompanhamento do caso. Este não atendeu nossos contatos por telefone, viajou para fora da cidade onde planejava ir para o ato. Mediante a emergência e a partir de discussões com a equipe entramos em contato com quem a família titula ser a pessoa de maior vínculo e narro o risco e planejamento para aquele dia. O Lucio retorna, entra em contato com a equipe e depois afirma que a ligação dos irmãos e da ex- esposa (para quem ligamos) evitou a conclusão. Este mantém pensamento fixo, rígido, grandioso, mas considero um avanço aceitar os atendimentos. Sustentar um espaço de fala, apesar de toda resistência e prepotência. Há risco, porém atenuando.

A partir do exposto questiono como a psicanálise atrelado neste serviço pode colaborar para o atendimento e ressignificação do processo de sofrimento psíquico para o sujeito com pensamento de suicídio.

Freud defende a importância da fala para o tratamento e cura dos sintomas psicopatológicos. A psicanálise se mostra uma aliada para a compreensão do sofrimento psíquico do sujeito por ser tratar cada sujeito de forma artesanal e singular.

O estudo do suicídio foi introduzido na psicanálise por Freud em 1901, em sua obra denominada Psicopatologia da Vida Cotidiana. Já em Luto e Melancolia (1917/1969) afirmou que o

suicídio pertencia ao mesmo rol de atos falhos e lapsos. Algo que transborda do inconsciente para o consciente, impulsionando pela extrema angústia e sofrimento psíquico (Justus, 2003).

A produção de morte e a tendência à autodestruição também foram assuntos da produção de Freud (1917/1969). O pai da psicanálise afirma que o sujeito em melancolia já tem consigo o desejo sádico de autoflagelação, e a ideação suicida ou o ato suicida são mecanismos que a psique encontra para retornar o sadismo ao eu, por meio da identificação narcísica com o objeto de desejo. Para Freud, o instinto de morte é uma compulsão à repetição de uma energia psíquica, que tende ao inanimado, isto é, à morte. Já para Klein (1937/1996) esse instinto configura-se aos impulsos sádico-destrutivos do indivíduo, e pode ocorrer ideações suicidas ao longo da vida.

Freud, em 1920, no texto “Além do Princípio do Prazer” destaca noções de excesso, intimamente ligadas a “quantidades”; somas que invadem o psiquismo e deflagram traumas. Diz que o aparelho psíquico é intolerante às invasões repentinas, e tenta desprender-se dessa situação por caminhos já conhecidos e que foram eficazes anteriormente. Nesta espécie de fuga, observa-se o dualismo pulsional do homem e a força da pulsão de morte no sujeito, por não ter registros de como agir com esses excessos (Macedo; Werlang, 2007).

Os pensamentos suicidas segundo autor acima nasce diante de excessos que o aparelho psíquico ainda não possui repertório para confrontar. A tentativa de suicídio é a única opção vista pelo sujeito para se livrar de tamanha dor psíquica. Frente ao traumático, a ausência de palavras, provocada pela força do irrepresentável, leva o indivíduo a um ato de tentar dar fim à própria vida.

Carvalho (2014) coloca que o ser em angústia, prefere seguir a repetição do traumático, escolhendo a morte ao invés da vida, uma vez que os eventos que se sucedem ao longo desta são muitas vezes a repetição da dor e dos momentos de angústia.

O autor supracitado traz que havendo essa repetição contínua do traumático o sujeito se vê submerso por uma angústia de castração, o que entendemos remetê-lo a vivência edípica, um sentimento de impossibilidade de fazer e ver a vida de forma diferente da qual vem vivendo e se repetindo, sofrimento após sofrimento, em uma repetição contínuo e infundável. A idealização da morte passa ser algo concreto e fixo, em que o sujeito se apoia de maneira que sinta certo controle sobre suas ações, quase determinadas pela frustração, dor, perdas e abandonos (CARVALHO, 2014).

Carvalho (2014) traz a preocupação em diferenciar as idealizações de morte para o neurótico, psicótico e para o melancólico. Para o neurótico a fantasia é um suporte e uma ferramenta para lidar com a falta do Outro, seu objeto de desejo. Desta maneira, perder esse objeto de desejo pode abalar tanto as fantasias do neurótico, apresentado a falta do Outro no real, ao ponto que o comportamento suicida possa ser rapidamente instalado no inconsciente e aos poucos,

deflagrado no ato propriamente dito. O psicótico tudo que for perdido no simbólico volta para o real e a partir daí surgem as alucinações visuais e auditivas. Na psicose o sujeito se pauta no Outro, no gozo do Outro e suas inclinações. O psicótico pode idealizar a própria morte diante da angústia dessa submissão ao Outro, ou mesmo para obedecer à ordem, advinha de suas alucinações em que o Outro deseja sua morte. Diante do pedido do Outro, o psicótico pode cometer suicídio .

O comportamento suicida do melancólico foi estudado por Freud (1917-1996) em “Luto e Melancolia”, explanado também nos estudos de Carvalho (2014). A passagem ao ato geralmente ocorre de forma impulsiva, uma vez que o melancólico e o objeto estão inteiramente ligados. Não se dispõe da fantasia, mas sim da sua identificação com um Outro. O não querer do outro para o melancólico o faz sentir-se resto, indesejado. O objeto perdido é sentido de modo tão intenso que o sujeito se pune de forma sádica e vinga-se do objeto por meio da autopunição. O suicidar-se para o melancólico é não somente matar-se, mas matar seu objeto de desejo perdido.

Segundo Freud (1923/1969) o instinto de morte tende a obter êxito impulsionando o ego à morte. Esse supereu proporciona o sentimento de culpa ao ego e este, por sua vez, se castiga, sem qualquer objeção.

O que se observa nos estudos freudianos é que o sadismo e a identificação narcísica que ocorrem na psique do melancólico podem levar à ideação suicida e ao ato suicida, uma vez que a sombra do Objeto amado e perdido se sobrepõe ao eu, e este, para ser punido, pune a si mesmo. Para que o objeto, fonte de toda sua libido morra, o sujeito inflige a morte a si mesmo (BRUNHARI; DARRIBA, 2014).

Para Cassorla (2021) no melancólico encontram-se objetos e relações objetais internas carregados de culpa, depreciação, punição e outros, fatos que podem desembocar em pensamentos e atos suicidas. O objetivo é matar o objeto interno com o qual o melancólico está identificado.

Na melancolia e na esquizofrenia, fatores constitucionais parecem ter uma importância considerável, influenciando as maneiras como as fantasias inconscientes primitivas são vivenciadas. Ameaças de desintegração e aniquilamento, provindas do mundo interno, são similares às que vivencia uma pessoa que é torturada. A morte é uma busca por escapar do sofrimento insuportável, ainda que a percepção, o raciocínio e o juízo possam estar prejudicados. Em suma, o suicida elimina seu aparelho de percepção da realidade ameaçadora (Cassorla, 2021).

Na maioria dos atos suicidas não existe uma consciência suficientemente clara sobre suas consequências. O desejo de viver e morrer coexistem, em forma confusa, como se degladiando. O sobrevivente pode relatar que queria apenas dormir, descansar a cabeça. O uso do álcool e outras

drogas é comum, e sua função inicial, de anestesiá-lo o sofrimento, paradoxalmente, permite que a confusão aumente. Vale ressaltar que o alcoolismo e a drogadição já são formas crônicas de autodestruição, e as mortes por abuso de drogas e acidentes provocados por pessoas alcoolizadas ou drogadas fazem parte dos suicídios e homicídios que não aparecem nas estatísticas (Cassorla, 2021).

Ferenczi (1933/1997, p. 117) propõe que o analista convoque o sujeito a falar de sua dor, seus traumas, sua infância, e que compreenda, pela narrativa do analista, que este partilha de suas dores e que nesse momento ele não está mais sozinho com suas angústias. Destaca o autor supracitado:

(...) talvez não lhe possamos oferecer tudo o que caberia em sua infância, mas só o fato de que possamos vir em sua ajuda já proporciona o impulso para uma nova vida, na qual se fecha o dossiê de tudo o que se perdeu sem retorno e, além disso, efetuando o primeiro passo, é permitido contentar-se com o que a vida oferece, apesar de tudo. Não rejeitar em bloco, mas vitalizar o que ainda pode ser utilizável.

Assim, por meio da psicanálise, ou seja, da associação livre, o sujeito verbalize sua dor e angústia e através deste processo expresse na fala seus traumas familiares e infamiliars. Esse espaço de escuta, transferência e resistência trabalhe o exposto. Cada encontro uma possibilidade de vitalidade e uma tentativa de brotar/colocar o desejo em circulação, respeitando o tempo de cada um nesse processo analítico.

Não existem caminhos certos e precisos. Entendo que o encontro do analista e analisante se torna fértil para reflexão e partilha de angústias, medos, traumas. Neste processo busca revitalizar os desejos e um profundo contato consigo mesmo.

Referências:

BRASIL. Lei 8080, de 19 de Setembro de 1990. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em 10 de Março de 2021.

BRUNHARI, M.V. DARRIBA, V.A. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. Psic.

Clin., Rio de Janeiro, v. 26, n.1, 2014. p. 197-213. Disponível em: <

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652014000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>.

Acesso em 07/05/21.

CARVALHO, S. A morte pode esperar? Clínica psicanalítica do suicídio. Salvador: Associação Campo Psicanalítico, 2014.

CASSORLA, R.M.S. Estudos sobre suicídio: psicanálise e saúde mental. São Paulo: Blucher, 2021. 192p.

JUSTUS, D. O suicídio nosso de cada dia... Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em :

http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5c_Justus_41040903_port.pdf .

Acesso em 10 mai, 2021.

FERENCZI, S. Reflexões sobre o trauma (1933) Obras Completas de Sándor Ferenczi. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Luto e melancolia (1917). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

KLEIN, M. Amor, Culpa e reparação. (original de 1937). Obras Completas de Melanie Klein, v1. Rio Janeiro: Imago, 1996.

MACEDO, M. M. K. WERLANG, B.S.G. Trauma, dor e ato: olhar da psicanálise sobre a tentativa de suicídio. Ágora, v.10, n.1. Rio de Janeiro, jan./jun. 2007. p.89-106. Disponível em: <

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982007000100006&script=sci_abstract&tlng=pt>.

Acesso em : 08/05/2021.

Ministério da Saúde. Brasil. Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Disponível em:

<https://aps.saude.gov.br/smp/smpprasredepsicossocial>. Acesso em 10 de março/2021.

_____. O Ego e o id (1923) Editora Standard Brasileira das obras psicológicas completas. v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

2º Semestre 2021

Ciclo VI

Aluno: Renatta Giongo Ming

Título: MEU PRIMEIRO CASO CLÍNICO, UM RECORTE

No campo da investigação psicanalítica, o relato de casos clínicos é entendido como uma ferramenta para a elaboração teórica das experiências psicanalíticas. Para Figueiredo e Vieira (2002), a partir do relato do caso, temos um texto que já faz o recorte do analista, com as passagens escolhidas e privilegiadas em determinado momento. “O caso é o produto que se extrai da história, das intervenções do analista na condução do tratamento e do que é decantado de seu relato” (p. 28). Portanto, como último trabalho a ser apresentado neste Curso de Formação em Psicanálise irei relatar um recorte do meu primeiro caso clínico, que se iniciou no Estágio de Clínica Psicanalítica da Faculdade de Psicologia, em 2019, com atendimento presencial e que se estende até os dias atuais.

Recorte Clínico

A paciente chega à Clínica de Psicologia encaminhada pela coordenadora do seu curso, na mesma instituição de ensino, após ter uma “crise” durante um atendimento clínico no estágio, não conseguindo nem finalizá-lo. Neste primeiro atendimento ela foi acolhida pela supervisora de estágios clínicos e encaminhada para atendimento psicoterápico.

Após dois dias essa jovem de 21 anos, que chamarei de Tai, foi recebida por mim, vestindo traje todo branco, exigência do seu curso, um pouco constrangida e com um olhar distante. Logo comenta que nunca tinha realizado nenhum atendimento psicológico e que essa “crise” que teve no estágio a deixou muito irritada, “não foi frescura ou chlique, só não consegui finalizar o atendimento, tive que abandonar a paciente, isso nunca tinha acontecido”. Relata estar com um grande sentimento de vazio e uma tristeza profunda, há quase nove meses, mas que há duas semanas os sintomas físicos, como taquicardia, falta de ar, peito apertado e sudorese, vem aumentando muito, modificando a sua rotina diária e levando até a uma internação médica e realização de vários exames clínicos e laboratoriais, sem nenhuma alteração evidente e sem diagnóstico definido, nem mesmo encaminhamento para uma consulta com algum especialista.

Emocionada, mas tentando controlar o choro, diz que não sente vontade de fazer nada, só quer dormir, mas que nem no seu quarto se sente tranquila, gostaria de sumir, “queria ir para uma ilha deserta e nunca mais voltar”. Afirma que a única coisa que lhe dá motivação é a faculdade, mas até isso está difícil nestes últimos meses, não consegue se concentrar e seu desempenho acadêmico piorou muito. Diz que já teve ideias suicidas, “talvez seria a melhor maneira de aliviar esse sofrimento, mas não tenho coragem de fazer qualquer coisa que levasse à morte, por questões religiosas e até por uma certa covardia”. Quando questionada se havia algum evento importante que ela relacionasse a esse seu estado, ela conta que sua mãe faleceu há dois anos, no mesmo mês em que estamos, mas não consegue relacionar muito com os fatos atuais.

Diante deste quadro clínico e do alto grau de angústia, foram marcados atendimentos duas vezes na semana e, por orientação da supervisora de estágio, foi sugerido uma consulta médica psiquiátrica, com o objetivo de baixar a ansiedade, diminuir os sintomas físicos e auxiliar no tratamento analítico. No entanto, a paciente se mostra muito reativa e resistente a essa possibilidade, não quer ser tratada como “louca” e nem ficar dopada, afirmando que precisa finalizar o ano na faculdade.

Nas sessões seguintes se mostra mais vulnerável e chora muito, conseguindo falar muito pouco. Conta apenas que é filha mais velha, tem uma irmã dois anos mais nova, com quem tem um péssimo relacionamento, e um irmão de apenas 2 anos, que foi adotado meses antes da mãe falecer e que a guarda legal atualmente está em seu nome. Seu pai é caminhoneiro e sempre foi muito ausente. A mãe era a grande fortaleza da casa, era banqueteira e tinha um bar/restaurante na região central da cidade. Era uma mulher muito rígida, mas alegre e que acolhia a todos na sua comunidade, sempre priorizou o trabalho e nunca teve muito afeto físico e nem compartilhava sentimentos com as filhas. Faleceu aos 47 anos, de infarto, no corredor de um Pronto Socorro após um diagnóstico errôneo de crise de ansiedade, sem a chance de fazer qualquer exame diferencial, sendo medicada apenas com um calmante muito forte.

A partir desses relatos foi possível aferir que a resistência por uma consulta médica e o medo de ficar dopada estão relacionados com o histórico médico da mãe. Ao se confortar com essa realidade, Tai faz um pedido inusitado, solicita que eu a acompanhe na consulta psiquiátrica, pois se sente muito sozinha e sem forças para enfrentar esse desafio. Mesmo estando fora dos padrões do estágio, mas entendendo o momento delicado dela, eu aceito acompanhá-la, mas sem interferir na consulta.

Na consulta médica, que ocorreu no dia seguinte, Tai foi muito bem acolhida, se sentiu confortável para falar dos seus sintomas físicos e psíquicos, ficou satisfeita com a conduta médica,

que respeitou seu desejo de não ser medicada com remédios que poderiam deixá-la dopada. Foi diagnosticada, segundo parâmetros médicos (DSM-5), com Depressão Maior, com episódios de Síndrome do Pânico e o tratamento seria com um antidepressivo para uso diário, fluoxetina, e um ansiolítico leve, para ser tomado apenas quando fosse percebido os primeiros sintomas de uma crise de pânico. A conduta clínica adotada pelo psiquiatra não foi discutida, só foi enfatizado que o atendimento multidisciplinar era importante para sua melhora clínica e que esse diagnóstico não a define como sujeito.

Por algum motivo que eu não sabia explicar naquele momento, essa atitude possibilitou a transferência positiva e serviu de pano de fundo para a sustentação de um clima ameno na análise, de aceitação recíproca entre analista e analisando, e configuração de uma aliança. Era como se a minha função ali fosse a de possibilitar a redução do sofrimento, de desfazer a fantasia médico-morte, uma aposta no escuro, que apenas com o decorrer da análise pude perceber que foi fundamental para o vínculo terapêutico.

Na sessão seguinte, após uma semana, a paciente já se apresentou mais sorridente e satisfeita por não ter tido nenhum sintoma físico de ansiedade. Conta que este foi o primeiro dia, em meses, que conseguiu levantar da cama sozinha, sem o estímulo do pai, e que até os amigos da faculdade notaram uma melhora na sua fisionomia.

Nos atendimentos posteriores ela se mostra mais animada, disposta e consegue relatar um pouco mais da sua história de vida. Afirma se achar uma pessoa muito rígida e que herdou isso da mãe, que sempre teve muita expectativa sobre o seu futuro, inclusive influenciando na sua escolha profissional. Sempre foi a “princesinha da mamãe” que a enchia de presentes e roupas, como forma de demonstração de carinho e afeto. Ela e a irmã sempre ficaram sob os cuidados de babás, pois a mãe trabalhava período integral, mas também lembrava de apanhar muito quando a mãe chegava bêbada do trabalho. Conta que os pais tinham um relacionamento muito conturbado, com muitas brigas e traições, acredita que era um casamento “fake”, pois não se lembra deles dormindo no mesmo quarto. Sobre relacionamentos amorosos, teve dois namorados, mas nunca foi completamente apaixonada por nenhum deles.

Um sentimento muito marcante nos últimos atendimentos foi a culpa por não ter conseguido se despedir da mãe, nem falar tudo que sentia por ela. Experimentou uma profunda raiva pela morte prematura da mãe e pela responsabilidade de assumir o papel de mãe do irmão, mas também se sentia culpada por desejar ir embora e deixar a família desamparada. A culpa era proveniente de uma ambivalência afetiva, sentimentos de amor e ódio nutridos por essa mãe.

Chegando ao final do semestre houve a necessidade de interromper os atendimentos e ficou evidente a sua visível melhora. O tratamento multidisciplinar possibilitou a retomada da sua rotina de vida, inclusive finalizando o semestre acadêmico e os atendimentos clínicos no seu estágio curricular, que era sua principal angústia.

Análise Teórica

Na análise teórica do recorte apresentado foi possível identificar que os sintomas trazidos ao longo dessas sessões estão relacionados com o luto pela perda da mãe. Tai estava reproduzindo em ato o que não elaborou da morte prematura da mãe, estava identificada, inclusive, com os sintomas do infarto dela. Para Freud embora o processo de luto possa gerar muito sofrimento e angústia este não deve ser considerado como uma patologia. O luto não é algo a ser curado, afinal, é um processo natural, porém a não elaboração do luto pode gerar vários sintomas, como tristeza intensa, depressão maior ou ideação suicida, o que condiz com a queixa inicial desta paciente. A perda súbita, como a ocorrida, reforça o risco para que ocorra o luto patológico e essas circunstâncias podem levar a um sentimento de culpa pela morte do outro. Nesse aspecto, ausências reais ou imaginárias ativam a depressão, pois, ao vivenciar uma perda significativa haverá uma retirada abrupta da afeição o que levará à sensação de abandono.

A temporalidade não é um fator importante na classificação de um luto tardio ou patológico, uma vez que deve-se respeitar a individualidade e singularidade frente a este sofrimento. Através das sessões de análise foi possível avaliar que esta paciente ainda precisa aprender a identificar e distinguir os seus sentimentos frente a essa grande perda. Esses sentimentos de tristeza, raiva, angústia e dor foram exacerbados com a proximidade do final de uma etapa importante na sua vida, a sua formação acadêmica.

É importante entender que não é o luto em si que causa a depressão ou os sintomas de ansiedade, e sim toda uma estrutura psíquica que a paciente já dispõe para reagir a fatores externos, sua estrutura muito rígida e seus desejos sempre voltados para a expectativa de outros. Foi na compreensão destes fatores que o tratamento analítico pôde ajudá-la na eliminação dos sintomas mais graves de ansiedade e na diminuição do quadro depressivo, fazendo com que ela voltasse a sua rotina diária, não apresentando mais crises de ansiedade e conseguindo finalizar a sua formação acadêmica, inclusive com projetos futuros.

Neste caso, a depressão e a tristeza podem ser consideradas não apenas como sintomas, são definidas também como uma falta em bem dizer sobre seu desejo. A queixa inicial estava pautada

em um sentimento de desamparo à sua angústia e dor e foi através da relação transferencial que Tai conseguiu começar a expor o que realmente sentia e validar as suas escolhas e desejos.

Além disso, sendo uma jovem adulta, ela está iniciando um processo de amadurecimento pessoal, um período bastante conhecido de crise, angústia, confusão, escolhas e também luto. O processo de crescimento e desenvolvimento não é simples e indolor, envolve continência, tolerância, transformação e expansão, acompanhados de incertezas, múltiplas possibilidades, ganhos e perdas. Com o breve processo analítico foi possível entender que havia uma identificação muito grande com a sua mãe, que era uma figura muito forte, e que projetou todos os seus sonhos e desejos na filha. Com a morte prematura dela, este ciclo foi interrompido, deixando muita dor e tristeza, mas permitindo também que ela se tornasse responsável pelas suas próprias escolhas.

Ao realizar o processo de luto de forma saudável, o sujeito tem condições de posicionar-se subjetivamente frente a esta situação e, com o tempo, se restabelece, conseguindo reinvestir seu desejo em novos objetos. Os sintomas relatados no início do tratamento foram minimizados, foi possível introduzir impulsos positivos de vida e razões para continuar existindo, abordando com calma as exigências de frustração, eliminando as resistências e adaptando a realidade. No entanto, este é apenas um começo do percurso analítico de Tai, a análise continua até os dias de hoje, agora exclusivamente no módulo online, com muitos outros desdobramentos surpreendentes, mas isso é uma história para um outro pôr do sol.

Inquietações da analista

Inicialmente quero enfatizar que a atitude de acompanhar a paciente a uma consulta médica foi intuitiva, impulsiva e gerou muita angústia, afinal estava desafiando todas as teorias estudadas até o momento, principalmente com relação ao setting analítico e manejo clínico. No campo psicanalítico, o setting é um espaço que se oferece para propiciar a estruturação simbólica dos processos subjetivos inconscientes, reunindo as condições técnicas básicas para a intervenção psicanalítica. O setting para Zimerman (1999) se conceitua como “a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o processo psicanalítico” (p.301).

Um contraponto importante foi encontrado nos textos *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912) e *Sobre o início do tratamento* (1913), onde Freud ressalta que o que garante efetivamente a situação analítica é não tanto os dispositivos proporcionados pelo setting, mas a posição simbólica assumida pelo analista no percurso de uma análise. Para ele, o conjunto de derivações dessa posição interna do analista é que dá consistência ao tratamento. Freud recomenda uma mudança de atitude do analista nos casos em que a análise da transferência não se apresenta

como recurso suficiente para vencer as resistências e desenterrar o processo, e ao analista cabe adotar uma postura mais ativa. Ele transfere a incumbência de prolongar a duração do tratamento e de encontrar técnicas capazes de atestar o sucesso do método analítico para seus discípulos. E foi Ferenczi quem mais se destacou nessa tarefa.

O percurso clínico de Ferenczi é todo pautado no desafio de acolher o sofrimento dos pacientes chamados “difíceis” (1926). Ele conclui que as dificuldades enfrentadas nesses processos eram decorrentes da “insensibilidade” dos analistas, que não queriam se deixar afetar pelo encontro analítico, se pronunciando por introduzir a faculdade de “sentir com”, pelo projeto de “soltar a língua” (1927). Para o autor seria preciso tornar a técnica mais elástica, de maneira a favorecer a expressão afetiva. O privilégio dado à expressão de afetos na análise provocou, assim, uma ampliação cada vez maior dos limites do permitido na clínica, chegando-se à formulação de um princípio de relaxamento como contraponto ao de abstinência (1927). Ele aborda o conceito de contratransferência como algo que não dificultaria a análise, mas que faz parte da própria técnica a ser empregada. O manejo técnico deve dosar bem a empatia e a capacidade de “sentir com”, o processo é conduzido melhor a partir da análise pessoal do analista, que o capacitará para avaliar a situação analítica a distância. Esse é o entendimento que Ferenczi tem do analista elástico.

Assim pude perceber que o setting analítico tem a ver com os dois integrantes do processo analítico: analista e analisando. A sensibilidade do analista é fundamental, e isso tem que levar em consideração tanto as características do analisando quanto as do analista, que se derivam de seu próprio percurso.

Um outro ponto importante de se questionar é se este recorte clínico pode ser considerado uma psicoterapia ou uma análise? No livro *Psicanálise e Psicoterapia*, Radmila Zygouris, além das diferenças, traz aproximações interessantes e nos faz questionar o quanto a necessidade de que seja sempre uma análise “pura e ortodoxa” faz perder de fato a dimensão terapêutica da nossa escuta e o nosso olhar diante do sujeito que está ali na nossa frente. Ela traz a ideia de que uma análise bem feita tem efeito terapêutico. Não desejamos o bem do analisando, mas o seu bem-dizer, que possa fazer algo diferente com seu sintoma.

“Assim como uma psicoterapia sem referências teóricas corre o risco de se transformar numa mera ajuda psicológica, na qual o terapeuta nem sente mais a necessidade de ter passado por uma análise, uma análise sem efeitos terapêuticos pode ser transformada em um mero adestramento ideológico” (p.6)

Referências:

- Figueiredo, A. C. & Vieira, M. A. (2002). Psicanálise e ciência: uma questão de método. In W. Beividas (Org.) Psicanálise, pesquisa e universidade (pp. 13-31). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica (1927). São Paulo: Escuta, 1987.
- FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XII.
- FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XII.
- FREUD, S. Sobre o início do tratamento (1913). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Direção-geral de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XII
- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: _____. A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- ZIMMERMAN, D. E; Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999
- ZYGOURIS, R; Psicanálise e Psicoterapia; Via Lettera Editora e Livraria Ltda, 1o edição, abril de 2011.